

HISTÓRIAS LGBTQIA+

**textos da exposição
em fonte ampliada
PORTUGUÊS**

Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



MASP

MUSEU DE ARTE
DE SÃO PAULO
ASSIS CHATEAUBRIAND

HISTÓRIAS LGBTQIA+

O atual cenário global para pessoas queer* e trans é desigual: a aceitação, a solidariedade e a visibilidade existem lado a lado com o ódio, a censura e a total proibição legal em diferentes partes do mundo. Assim, por um lado, uma atenção maior voltada a questões Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexuais e de outras minorias (LGBTQIA+) vem criando mais oportunidades para artistas e pensadores queer e trans. Todavia, por outro lado, pessoas LGBTQIA+ em todo o mundo – impactadas diferentemente por sua raça, classe, gênero, idade, nacionalidade – continuam enfrentando repressão. Nesse contexto, *Histórias LGBTQIA+* reúne trabalhos que tematizam tópicos queer ou que sejam feitos por artistas, ativistas e pesquisadores LGBTQIA+.

A mostra celebra a riqueza e a multiplicidade da criatividade queer nas artes visuais, alinhada com a missão do MASP, que define o museu como “diverso, inclusivo e plural”.

A exposição é organizada em oito núcleos.

Na galeria do primeiro andar estão “Biblioteca Cuir”, “Ícones e musas”, “Espaços e territórios” e “Amor e desejo”. Na galeria do segundo subsolo, “Sagrado e profano”, “Abstrações” e “Ecossexualidades e fantasias transcendentais”.

No mezanino se encontram os “Arquivos”. A maioria dos artistas de *Histórias LGBTQIA+* trabalha no rastro da pandemia de HIV-aids, que teve início em 1980 e segue vigente, uma crise que redefiniu de maneira potente o que está em jogo no fazer artístico nas perspectivas queer e trans. Nem todos artistas na exposição se identificam como LGBTQIA+, e a mostra

trata o queer de maneira ampla, como uma lente que nos deixa enxergar o mundo de um jeito diferente. Embora alguns artistas da exposição tenham morrido de complicações ligadas à aids (incluindo David Wojnarowicz, Felix Gonzalez-Torres, Leonilson, Martin Wong, Nicolas Moufarrege, Peter Hujar, Rotimi Fani-Kayode e Tseng Kwong Chi), há também outros artistas contemporâneos que seguem vivendo com HIV e florescendo (como D'Angelo Lovell Williams, Kia LaBeija e Sunil Gupta).

A exposição tem um especial interesse em tornar a história de algum modo queer – seja valendo-se da ficção e da narração para inventar histórias que foram apagadas, seja voltando-se ao passado para vislumbrar novos futuros. Dessa forma, são apresentadas obras que se engajam de maneira especulativa com arquivos (como no trabalho de

Mayara Ferrão, que utiliza inteligência artificial para inventar histórias lésbicas negras) e atualizam obras de arte canônicas para invocar uma presença queer ou trans (como no extravagante *Abaporu* de Tarsila do Amaral vestido de couro na releitura de Rodolpho Parigi, no autorretrato de Yasumasa Morimura em uma versão drag de Frida Kahlo, e na subversão que Lyz Parayzo faz da icônica escultura *Bicho* de Lygia Clark). A justaposição de materiais de um passado profundo e do momento contemporâneo realçam como as histórias – inclusive a história da arte – operam como recursos críticos para vidas LGBTQIA+.

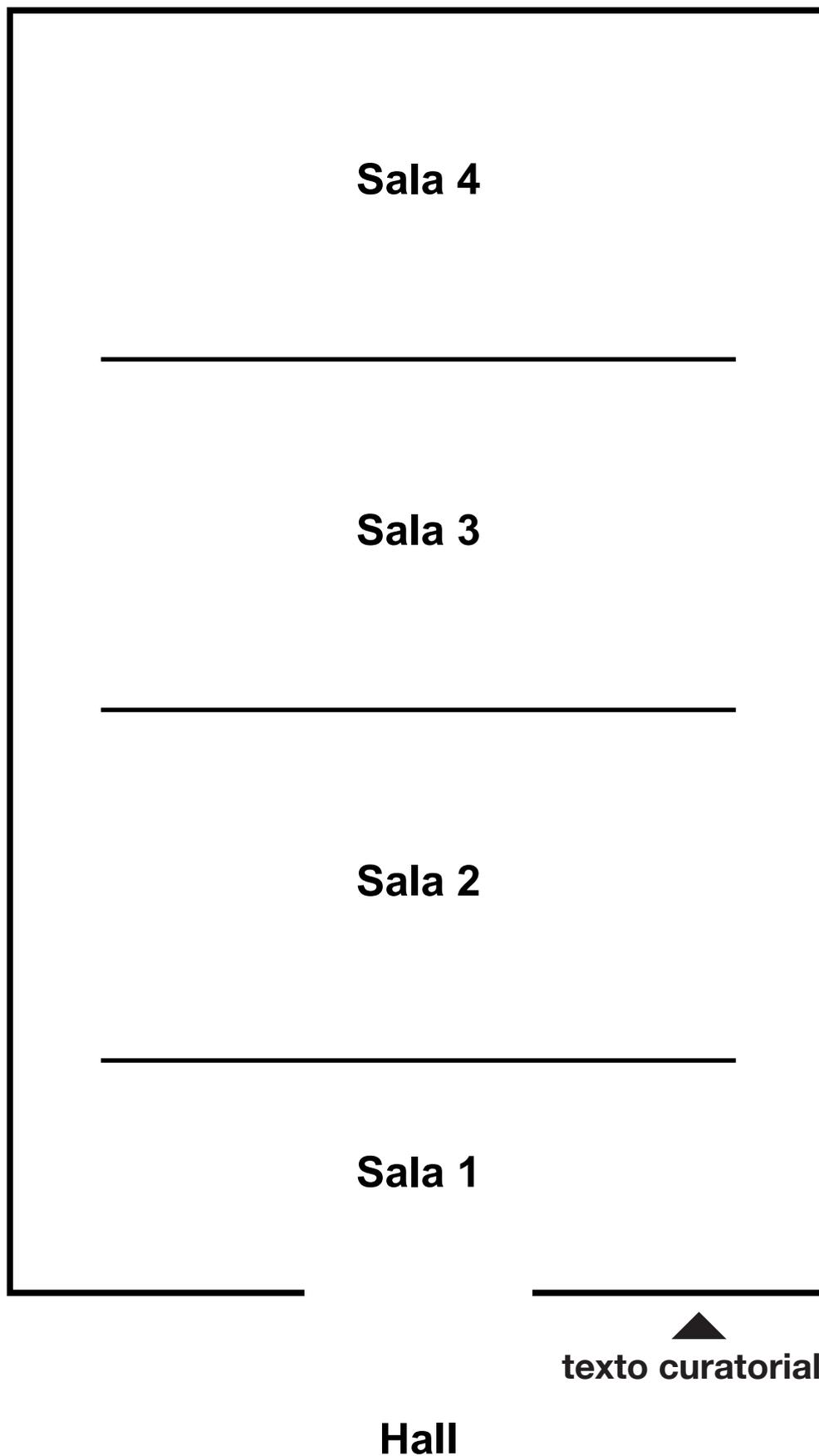
**Queer* na língua inglesa originalmente significa estranho, mas também em algum momento “sexualmente desviante”, porém desde o final do século 20 tem sido reivindicado por lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros como um termo amplo para identificá-los.

Histórias LGBTQIA+ é curada por Adriano Pedrosa, diretor artístico, e Julia Bryan Wilson, curadora-adjunta de arte moderna e contemporânea, com colaboração de André Mesquita, curador, e assistência de Leandro Muniz, curador assistente, e Teo Teotonio, assistente de curadoria, todos da equipe do MASP.

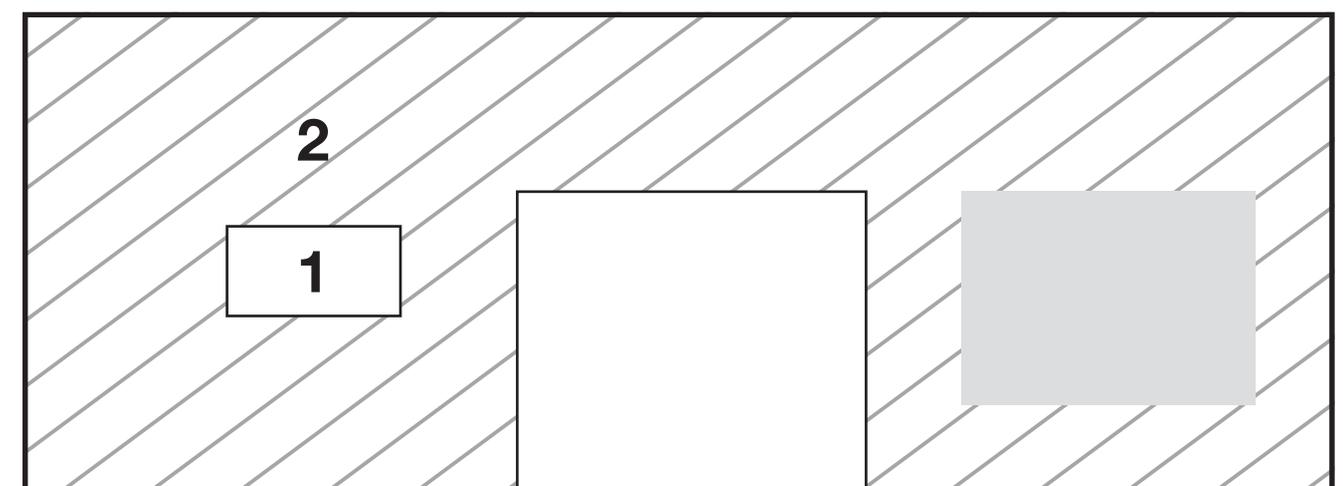
A exposição faz parte do programa anual do MASP dedicado às *Histórias LGBTQIA+* em 2024, que incluiu mostras dedicadas a Francis Bacon (1909-1992), Mário de Andrade (1893-1945), Catherine Opie, Lia D Castro, Leonilson (1957-1993), aos coletivos Gran Fury e Serigrafistas Queer, à Coleção MASP Renner, além de projetos na Sala de Vídeo por Masi Mamani/Bartolina Xixa, Tourmaline, Ventura Profana, Kang Seung Lee e Manuara Clandestina.

Um número importante de empréstimos de obras para *Histórias LGBTQIA+* é oriundo de uma parceria especial com o Leslie Lohman Museum na cidade de Nova York, uma das poucas instituições dedicadas à arte LGBTQIA+ no mundo.

Mapa do espaço expositivo



Hall



ASSUME VIVID ASTRO FOCUS (AVAF)

Nova York, Estados Unidos, 2001. Vive entre São Paulo, Brasil e Nova York, Estados Unidos

1. Ânus vadio aguenta fácil, 2017

Letreiro digital de LED

Cortesia dos artistas e Galeria Triângulo,
São Paulo

2. *Garden 1* [Jardim 1], 2002-2024

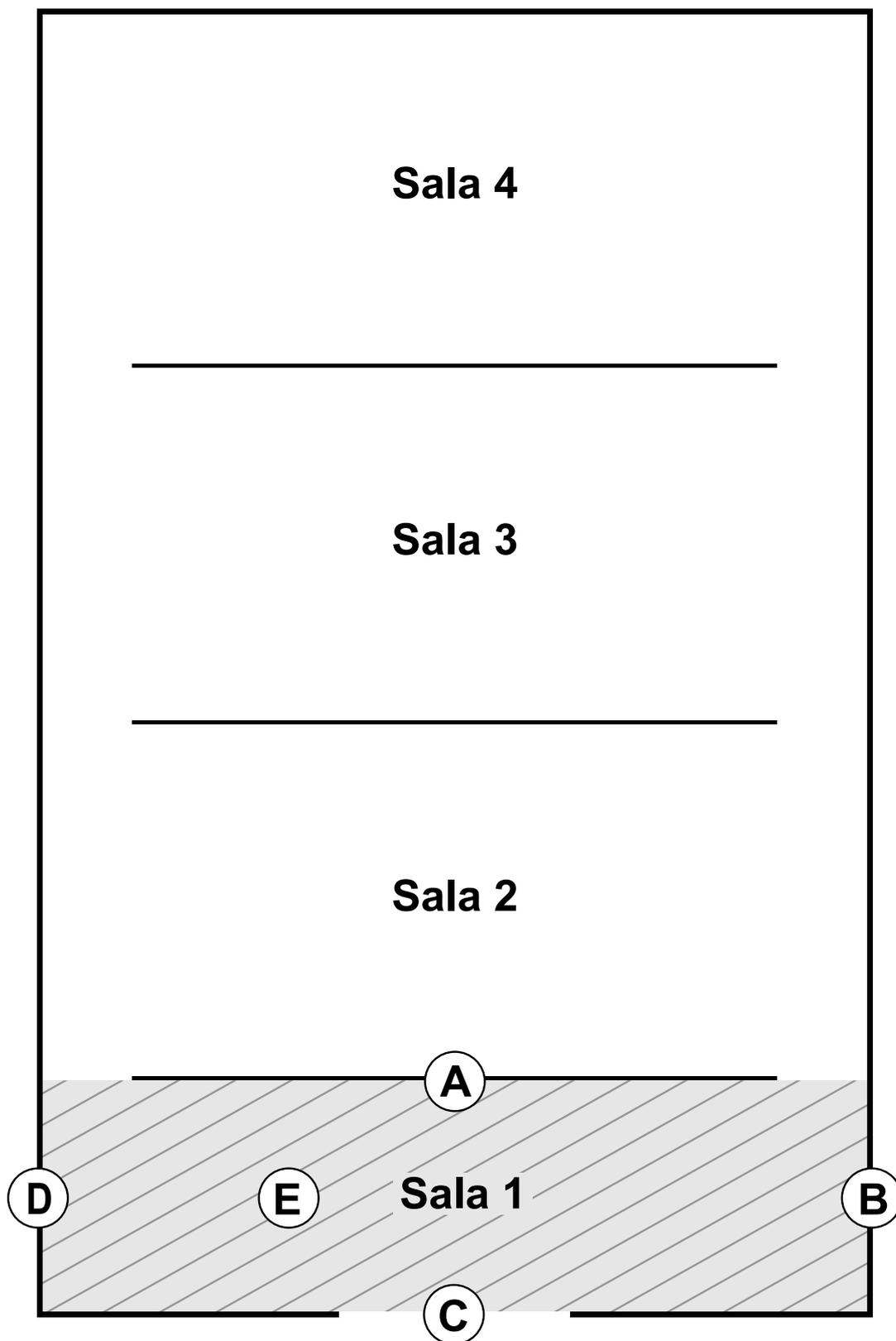
Papel de parede

Cortesia dos artistas e Galeria Triângulo,
São Paulo

avaf é um coletivo móvel que tem na cor uma de suas principais formas de expressão em diferentes linguagens. O papel de parede *Garden 1* reúne uma série de referências, como alusões à botânica – em um forte apelo erótico das formas fálicas e côncavas de flores –, e outras relacionadas à cultura pop, na presença de ícones importantes para a comunidade LGBTQIA+, como a figura de Grace Jones, cantora jamaicana que ficou conhecida a partir dos anos 1970 particularmente por sua androginia. O trabalho foi especialmente adaptado para o MASP e está presente nos

núcleos “Abstrações” e “Ecossexualidades e fantasias transcendentais”, no segundo subsolo, além da parede de abertura da exposição no primeiro andar do museu, de certo modo introduzindo os temas discutidos ao longo da mostra.

Sala 1



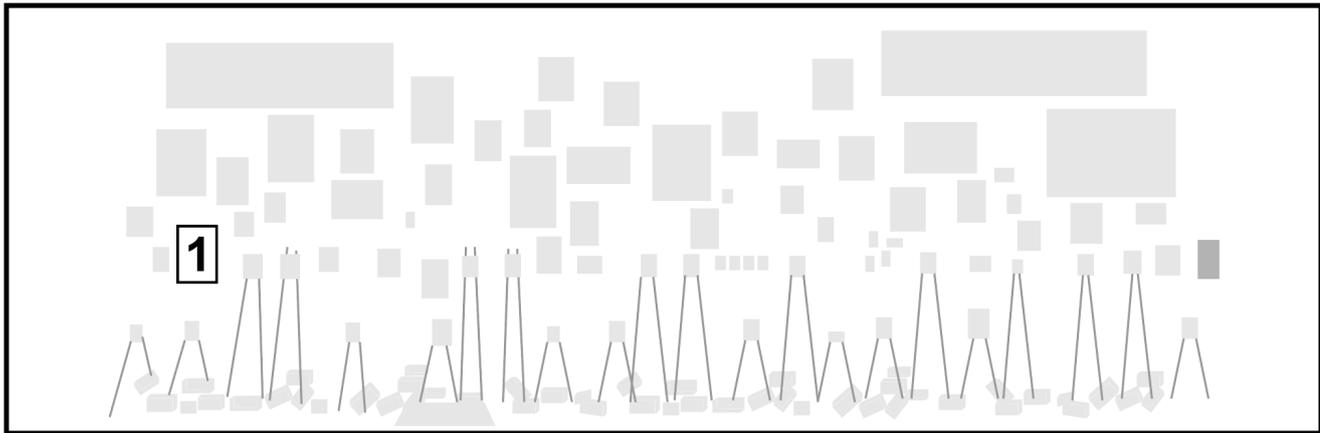
BIBLIOTECA CUIR

A Biblioteca Cuir é um espaço de leitura, diálogo e troca de experiências sobre as memórias das comunidades LGBTQIA+. Impulsionada em 2023, em Santiago do Chile, por um coletivo de artistas e ativistas que surgiu a partir de assembleias, encontros de discussão e oficinas, a Biblioteca Cuir reúne uma diversidade de publicações em sua maioria produzidas por autoras e editoras independentes. Seu acervo inclui fanzines, livros de pequenas tiragens, manuais, cartazes e panfletos, muitos dos quais foram confeccionados de maneira simples e rápida, a fim de incentivar práticas de publicação autônoma. Esses materiais podem ser consultados, lidos e manuseados pelo público aqui na exposição.

A organização do acervo da Biblioteca Cuir

desafia a lógica tradicional de classificação dos arquivos e bibliotecas tradicionais. Ao promover a convivência de publicações de distintas materialidades, permitem o acesso a diversas histórias que compõem as narrativas de dissidências sexuais e de gênero na América Latina. Para a exposição do MASP, o acervo da Biblioteca Cuir foi dividido em cinco seções, ou “corpos” – “corpo protesto”, “corpo coletivo”, “corpo erótico”, “corpo quebrado” e “corpo inventado” –apresentados espacialmente por meio de diferentes configurações, arquiteturas e montagens.

Sala 1, Parede A



CORPO PROTESTO

Estas publicações são palavras e imagens e, ao mesmo tempo, são pedras: você as atira ou elas te atingem. O corpo protesto existe, está presente na defesa de suas convicções, coletivas e pessoais. Questiona a normalidade, porque sua tranquilidade o eletrifica, e esse poder se manifesta, chega às nossas mãos para nos incendiar com sua força, para desconstruir e reinventar o que nos foi imposto. Levantamos nossas vozes, sabemos que estamos em perigo, mas também somos perigosos. Construimos a partir de corpos que são

negados, perseguidos, apagados, distorcidos, para a ampliação de uma chama revolucionária que dá calor àqueles ao nosso redor. O corpo protesto como ação direta e mobilização, um território de tensão contra a narrativa dominante. Esses objetos são projéteis contra a injustiça.

VIOLETA QUISPE YUPARI

Lima, Peru, 1989

Vive em Lima

1. *¡Kullaykusqay kullaykuqaymi!* [Amor é amor!], 2021

Acrílica e policromado misto com terras naturais sobre compensado de madeira, 40 x 25 cm

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand. Doação Juliana Siqueira de Sá e Manuelle Ferraz no contexto da exposição

Histórias LGBTQIA+, 2024. MASP.1151

Sala 1, Parede B



CORPO ERÓTICO

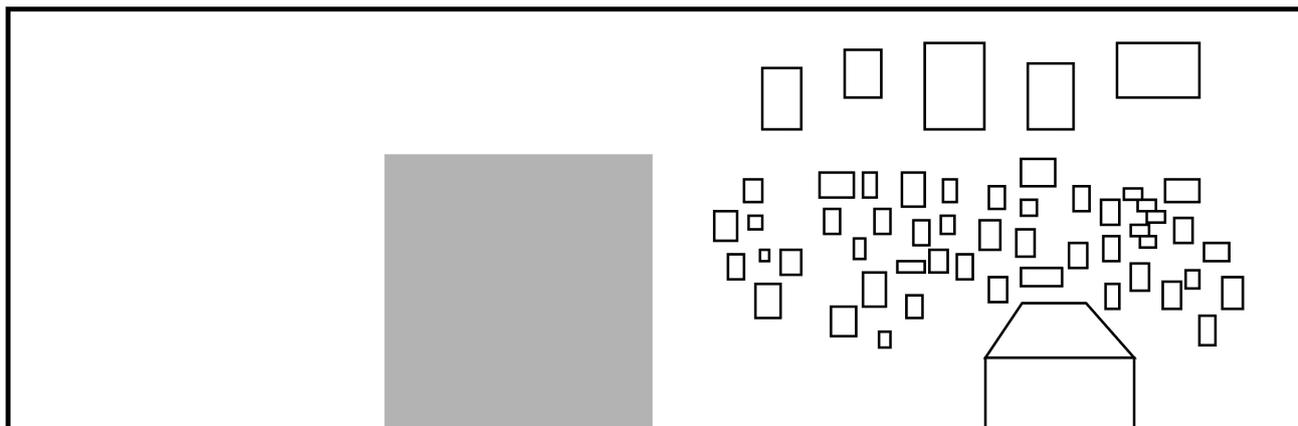
Os fluidos, os pelos e o tato são ativados para o desejo. Em um sistema que limita a sensibilidade dos nossos corpos, as práticas que nos permitem redescobrir o gozo são formas de resistência.

Como corpos cujos prazeres foram perseguidos de maneira particular, nós, os corpos marikas, encontramos no erotismo uma linguagem para nos comunicarmos além das palavras, uma linguagem por meio da qual nossa imaginação abre caminho para outras formas de entender e fazer o corpo.

Criar espaços pessoais e coletivos, por e para

explorar e descobrir nossos desejos, morbidades, fantasias e perversões, alternativos às normas hegemônicas do sistema cis-heterossexual. Essa é uma necessidade central para tornar possíveis vidas mais excitantes, mais quentes e, acima de tudo, mais felizes.

Sala 1, Parede C

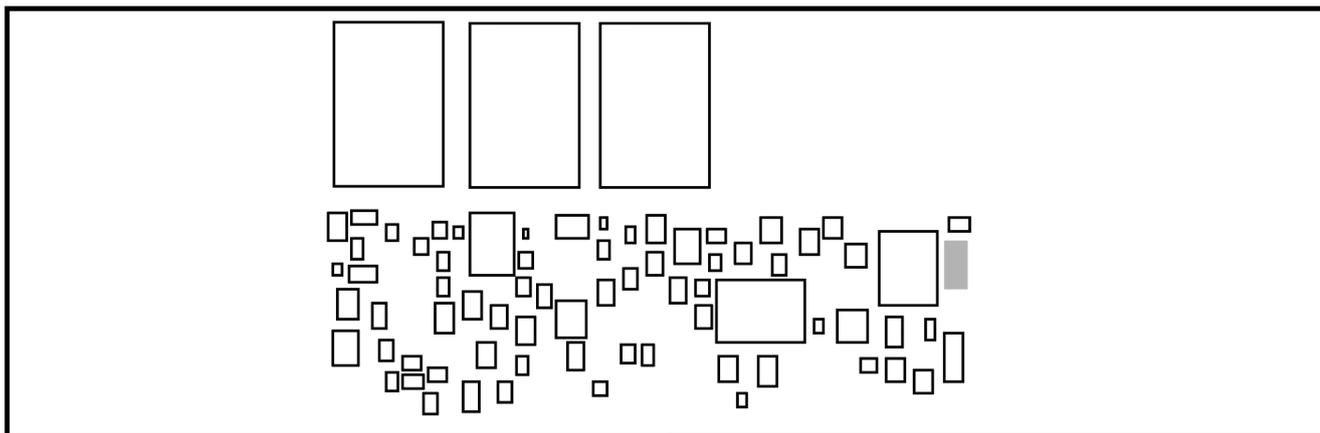


CORPO INVENTADO

Nós inventamos formas de existir. Às vezes, isso consiste em escolher um novo nome a partir das coisas que você mais gosta de fazer, da mistura de personagens fictícios ou da combinação de letras com um som renovador. Outras vezes, é a maquiagem, a prótese, a decisão de se esconder ou de se mostrar; transformar-se, praticar a capacidade de se camuflar, de se infiltrar ou juntar peças para incomodar, até mesmo provocar ou questionar uma ordem estabelecida que nos permite experimentar outras possibilidades.

Acrescentar ou costurar um tentáculo, uma antena sensível e senciente em nossa roupa, como se fosse um jogo. A palavra *tentáculo* vem do latim *tentaculum*, que significa “antena”, e de *tentare*, “sentir”, “tentar”. Os seres tentaculares criam ligações e separações, cortes e nós; criam uma diferença; tecem caminhos e consequências, mas não determinismos; eles são abertos e, ao mesmo tempo, atados com nós. Essas publicações são tentativas de sentir e viver a nossa verdade.

Sala 1, Parede D

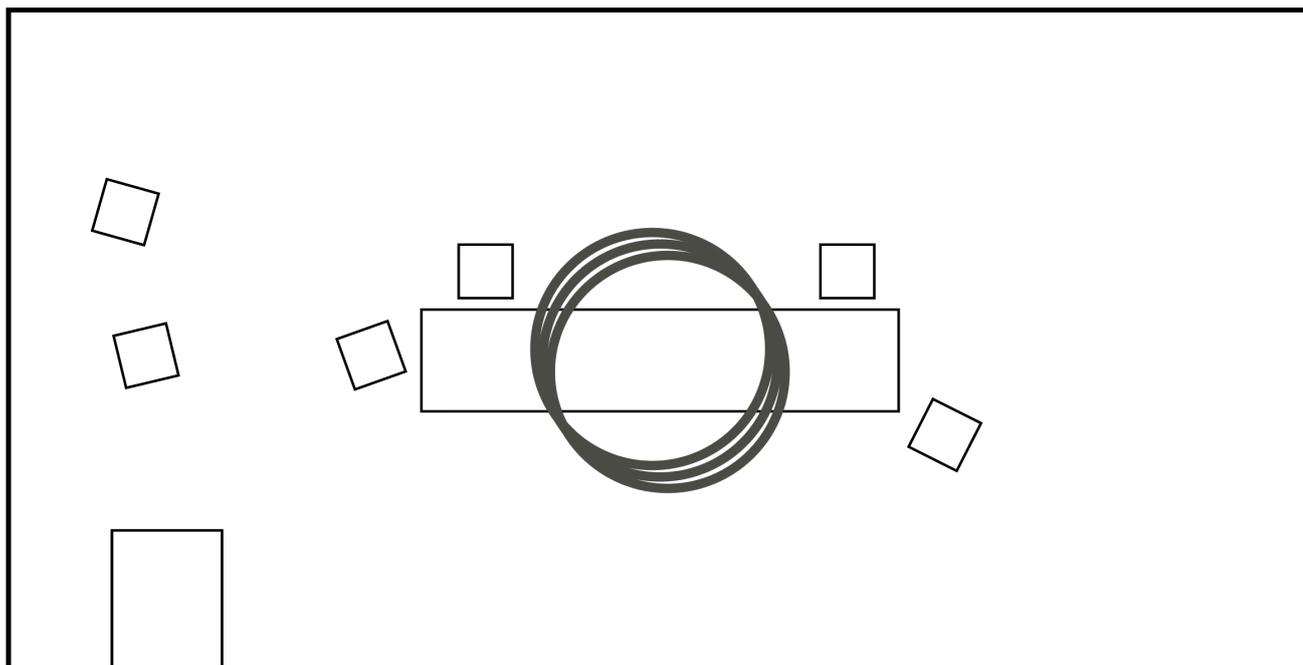


CORPO QUEBRADO

Todas as pessoas que já viveram levam consigo uma série de marcas que gravam sua memória na pele. A memória da resistência à violência, bem como das várias formas de afetividade. Um corpo quebrado é, à sua própria maneira, um novo corpo em construção. Um corpo fraturado não resiste, mas se adapta à sobrevivência, sofre mutações de maneira forçada para se tornar tão forte quanto necessário. Se pensarmos que a vida está inacabada até a chegada da morte, que não temos respostas para o sublime da natureza,

aparentemente a ruptura nos constitui como o espaço entre as palavras, entre um você, um eu e aquele nós que explora a distância como uma nave que viaja pelo cosmos. Como esses objetos que expõem suas vulnerabilidades, que são cicatrizes ou suturas que se encontram com outras, a fim de se apoiarem na dor compartilhada.

Sala 1, Espaço E

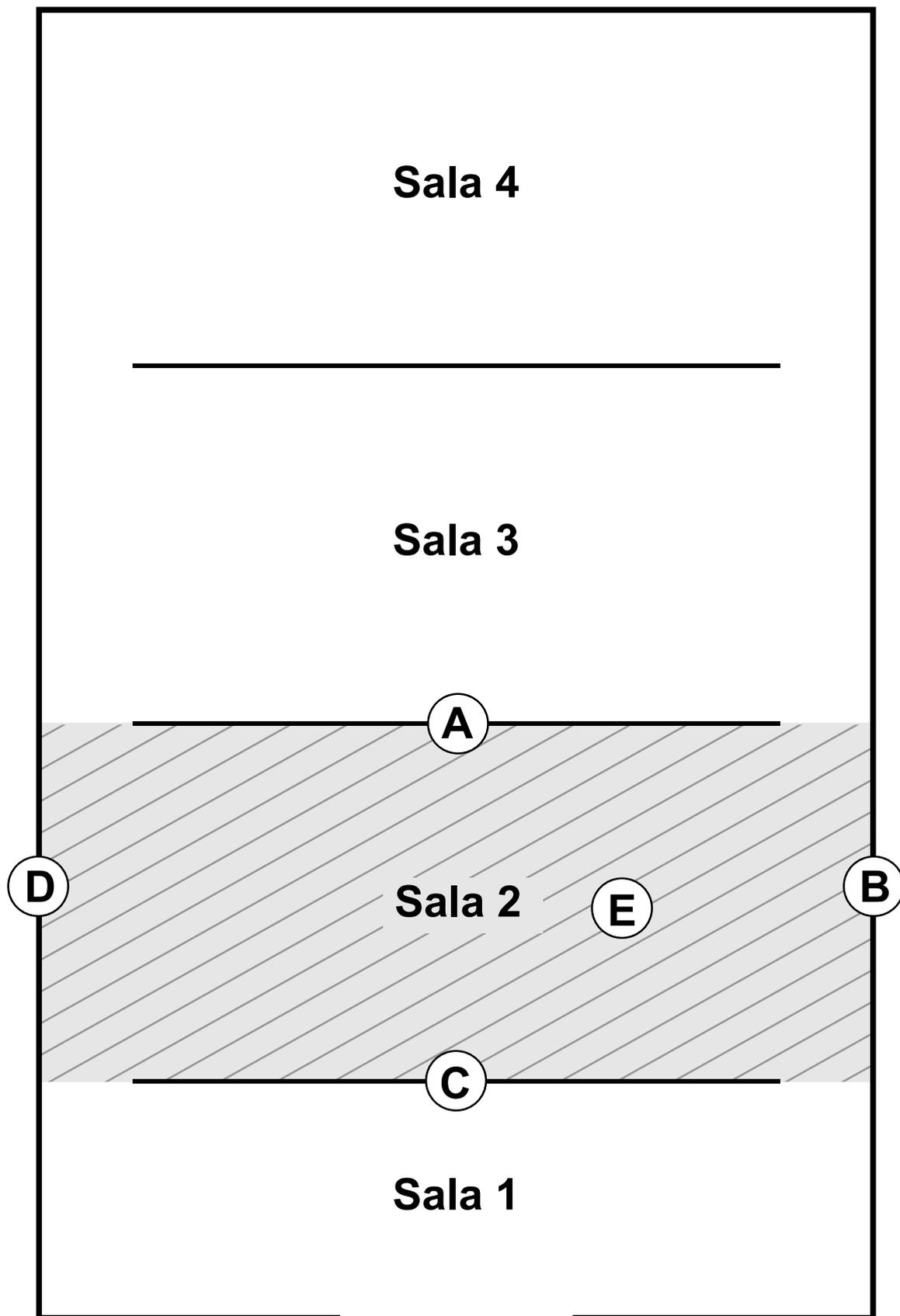


CORPO COLETIVO

A palavra *nanai*, da língua mapuche ou mapudungun, refere-se à ternura e ao carinho que acompanha o sofrimento e a alegria. Às vezes, a coletividade é vivenciada nas ruas ou em um acordo coletivo, mas também se traduz no cuidado entre nós e outres. Embora existam limites que separam as nossas individualidades, uma vez que cada corpo é formado por um conjunto de partes que o diferenciam, que o

caracterizam e que o tornam único, tendemos a nos unir e a buscar abrigo. Buscamos e construímos espaços e momentos, e realizamos ações que acabam por fundir os limites de um corpo solitário. Este é um convite para encontrar e criar lugares para experiências compartilhadas, lugares onde observar, ouvir, conversar, encontrar-se ou simplesmente estar são fragmentos da cumplicidade a que estes objetos convidam.

Sala 2



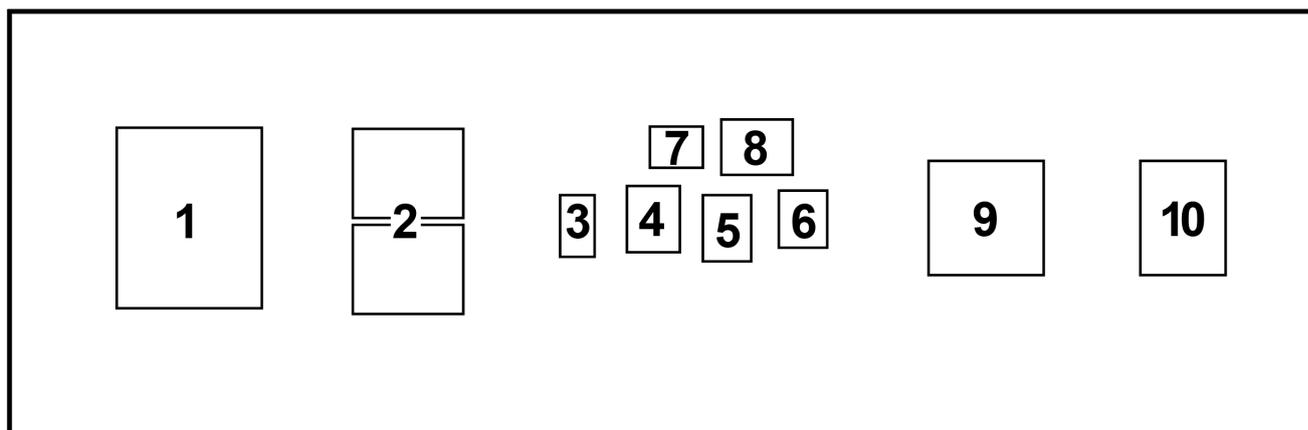
ÍCONES E MUSAS

Em comunidades LGBTQIA+, certas figuras são anunciadas como musas lendárias: são pessoas visionárias, musicistas, artistas e divas que estão à frente de seu tempo no que diz respeito a falar suas verdades, muitas vezes com um estilo notável. Este núcleo enaltece figuras históricas e tipologias míticas que se tornaram fundamentos para culturas queer e trans. Estão incluídas representações de desbravadoras de caminhos como Gloria Anzaldúa, Marielle Franco, Roberta Close e Erika Hilton. Correr o risco de levar uma vida aberta ou “assumida” pode ser algo libertador, mas também pode acabar sendo uma empreitada perigosa em determinados contextos. Leilah Babirye foi forçada a deixar Uganda, sua terra natal, onde a homossexualidade é punida com sentença de morte, e agora vive como

refugiada nos EUA, esculpindo figuras ligadas a ancestrais LGBTQIA+.

Esta seção inclui ainda autorretratos de pessoas como Claude Cahun, David Wojnarowicz, Efrain Almeida, La Chola Poblete e Roberto Burle Marx, junto com interpretações artísticas de figuras históricas que continuam servindo de inspiração nos dias atuais. Outros ícones do passado, como Xica Manicongo, mulher trans negra do século 16, e Tibira do Maranhão, um homem tupinambá executado em 1614, ambos de origem brasileira, acabaram se tornando mais relevantes e sendo revisitados recentemente por artistas contemporâneos e ativistas para celebrar suas histórias.

Sala 2, Parede A



YASUMASA MORIMURA

Osaka, Japão, 1951

Vive em Osaka

1. *An Inner Dialogue with Frida Kahlo (Four Parrots)* [Um diálogo interior com Frida Kahlo (quatro papagaios)], 2001

C-print montada em tela

Cortesia do artista e Luhring Augustine, Nova York, Estados Unidos

DAVID WOJNAROWICZ

Red Bank, Estados Unidos, 1954–1992, Nova York, Estados Unidos

2. *Untitled (One Day This Kid)* [Sem título (Um dia esse garoto)], 1990-91/2018

Serigrafia em papel Coventry Cotton Rag

Copyright Estate David Wojnarowicz

Cortesia Estate of David Wojnarowicz e

P·P·O·W, Nova York, Estados Unidos

EFRAIN ALMEIDA

Boa Viagem, Ceará, 1964–2024. Rio de Janeiro, Brasil

3. *Autorretrato*, 2014-2020

Umburana, óleo e aquarela

Cortesia Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo e Rio de Janeiro

TSENG KWONG CHI

Hong Kong, 1950–1990, Nova York,
Estados Unidos

4. *New York, New York*, da série *East Meets West* [Ocidente encontra Oriente], 1979-1989, ampliada em 2024

Impressão em gelatina de prata

Cortesia do espólio do artista e Yancey

Richardson, New York

MARTIN WONG

Portland, Estados Unidos, 1946–1999, São Francisco, Estados Unidos

5. *Untitled (Self-portrait)* [Sem título (Autorretrato)], *circa* 1974-75

Acrílica sobre tela com moldura pintada a mão
Coleção KAWS, Nova York, Estados Unidos

ROBERTO BURLE MARX

São Paulo, Brasil, 1909–1994,
Rio de Janeiro, Brasil

6. *Autorretrato*, 1929

Carvão sobre papel
Acervo do Sítio Roberto Burle Marx,
Rio de Janeiro

CLAUDE CAHUN

Nantes, França, 1894–1954, Santo Helério, Jersey

7. *Self Portrait* [Autorretrato (refletido no espelho)], 1928

Impressão em gelatina de prata

Cortesia Jersey Heritage

FERRERIN

Brejo Santo, Ceará, Brasil, 1996

Vive em Brejo Santo

8. *Autorretrato “Vamos chamar o vento”*, da série *Transnordestine*, 2021

Impressão de colagem digital sobre papel fine art enhanced

Coleção de artista, Brejo Santo, Ceará

YACUNÃ TUXÁ

Rodelas, Bahia, Brasil, 1993

Vive em Salvador, Brasil

9. *Mulher indígena e sapatão*, 2019

Desenho digital sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação Diretoria Estatutária,

Alberto Fernandes, Alexandre Bertoldi, Andrea

Cury Waslander, Geraldo Carbone, Heitor

Martins, Jackson Schneider, Jean Martin

Sigrist Jr., Juliana Siqueira de Sá e Tania

Haddad Nobre, no contexto da exposição

Histórias brasileiras, 2022, EC.00141

Artista e ativista do povo indígena Tuxá, de Rodelas, no interior baiano, Yacunã Tuxá usa as mídias e as tecnologias digitais como o principal

meio de criação e veiculação de seu trabalho, ainda que a escrita, a pintura e a colagem também façam parte de sua produção. Mulher indígena e sapatão é uma ilustração digital que transita entre o autorretrato e a representação de um ícone. As questões abordadas são demonstradas pela relação entre os signos da imagem: a fisionomia, a bandeira LGBTQIA+ e a camiseta com o símbolo da luta das mulheres indígenas zapatistas. O retrato e o emprego de frases de ordem são recorrentes na prática de Tuxá, muitas vezes vinculados à produção gráfica ativista, como pôsteres e lambes, e são usados como recursos para romper com os estereótipos indianistas e difundir as demandas políticas dos grupos sociais aos quais a artista pertence

LA CHOLA POBLETE

Mendoza, Argentina, 1989

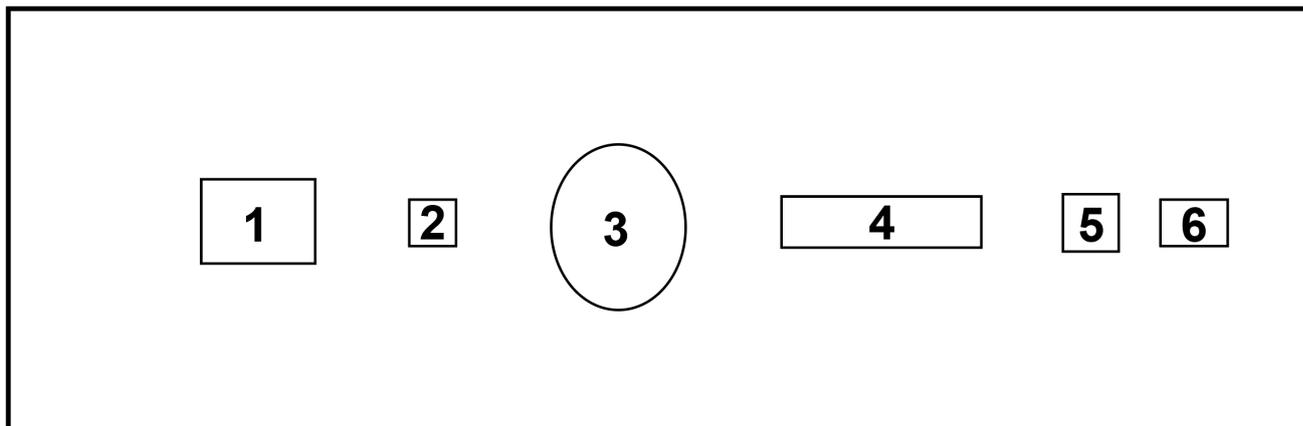
Vive em Buenos Aires, Argentina

10. *Il Martirio di Chola* [O martírio de Chola], 2014

Impressão sobre papel

Coleção da artista, Buenos Aires, Argentina

Sala 2, Parede B



KIA LBEIJA

Nova York, Estados Unidos, 1990

Vive em Nova York

1. *Eleven [Onze]*, 2015

Impressão digital

Leslie-Lohman Museum of Art, compra em honra ao diretor executivo Gonzalo Casals (2017-20), com recursos fornecidos pelo Conselho Diretor do Leslie-Lohman Museum of Art, sob liderança da co-presidência de Dr. Daniel S. Berger, MD, e Margaret Rose Vendryes, PhD, Nova York, Estados Unidos

PETER HUJAR

Nova Jersey, Estados Unidos, 1934–1987, Nova York, Estados Unidos

2. *David Wojnarowicz Reclining (II)* [David Wojnarowicz recostado (II)], 1981

Impressão a jato de tinta sobre papel

Tate Gallery, compra com recursos fornecidos pela Tate Americas Foundation, Cortesia de Christian Keesee 2019, Londres, Inglaterra

CATHERINE OPIE

Sandusky, Estados Unidos. Vive em Los Angeles, Estados Unidos

3. *Rocco*, da série *Portraits and Landscapes* [Retratos e paisagens], 2012

Impressão pigmentada em papel

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação da artista no contexto da exposição *Catherine Opie: o gênero do retrato*, 2024, R.03504

Rocco Kayiatos é um homem trans que teve um papel importante no início da cultura queer estadunidense, tendo realizado uma série de trabalhos com Amos Mac, outro artista trans relevante de sua geração. Juntos, criaram *Original Plumbing* [Encanamento original] (2009-2019), um zine queer

destinado a jovens trans que compartilhava a trajetória específica que suas comunidades atravessavam em seus processos de transição de gênero. Esse zine lidava especificamente com certas transformações ocorridas na comunidade queer de então, em que tantas mulheres lésbicas estavam se tornando homens gays, por exemplo. Opie sempre acompanhou os movimentos dentro da comunidade queer e foi uma das pioneiras no registro em imagens desse momento, revelando, em muitos de seus retratos, diversas pessoas em diferentes momentos de seus processos de transição de gênero.

MANAUARA CLANDESTINA

Manaus, Amazonas, Brasil, 1992. Vive em São Paulo, Brasil

4. *Por enquanto 35*, 2019-2024

Fotografia instantânea

Coleção da artista com os registros de: 21 Castiel Vitorino - Rio de Janeiro / 28 Walla Capelobo - Rio de Janeiro / 23 Naja Maria - Rio de Janeiro / 24 Rafaela Maria - Rio de Janeiro / 24 Cindy Makena - São Paulo / 26 Wanessa Lobato - São Paulo / 25 Guilhermina Urze - São Paulo / 25 Yris Franco - São Paulo / 30 Williane Jacob - Rio de Janeiro / 61 Lala Laurente - São Paulo / ∞ Transälien - São Paulo / 27 Marina Mathey / 25 Isis Luna - Rio de Janeiro / 33 Leona Jhovs - São Paulo / 23 Paulete Lindacelva - São Paulo / 29 Catarina Aranha - Rio de Janeiro / 31 Ave Terrena -

Santo André-Sp / 29 Julia Teixeira - London /
25 Bioncinha Oliveira - São Paulo / 33 Camila
Ribeiro - Manaus - Amazonas

A artista Manuara Clandestina circula pelo campo da moda – no qual produz peças têxteis e dirige desfiles, e pelas artes visuais, onde trabalha com esculturas, performances, vídeos e fotografias. O nome da artista remete às suas origens e à sua condição de deslocamento pelo mundo. Na série *Por enquanto 35*, ela fotografa suas amigas trans e travestis de diversas idades e em situações de afeto, intimidade ou deboche, indicando a altivez das retratadas e as relações de pertencimento entre quem fotografa e quem se deixa captar pelas imagens de polaroide. O título indica uma crítica social, pois, em termos estatísticos, muitas mulheres trans são mortas antes dos 35 anos de idade por causas violentas e crimes de ódio. No entanto, aqui há também

uma ambiguidade e uma indicação para um futuro mais promissor, pois a expressão por enquanto compreende essa situação como um estado provisório e que pode se transformar.

LIA D CASTRO

Martinópolis, São Paulo, Brasil, 1978. Vive em São Paulo

5. *O michê*, da série *Hipocrisia e carne*, 2013

Xilogravura sobre papel

Galeria Martins&Montero, São Paulo, Brasil, e Bruxelas, Bélgica

SABELO MLANGENI

Mpumalanga, África do Sul, 1980

Vive em Joanesburgo, África do Sul

6. *Identity* [Identidade], da série *Black Men in Dress* [Homem preto de vestido], 2011, ampliada em 2024

Fotografia analógica preto e branco,
ampliação sobre papel fotográfico

Museu de Arte de São Paulo Assis

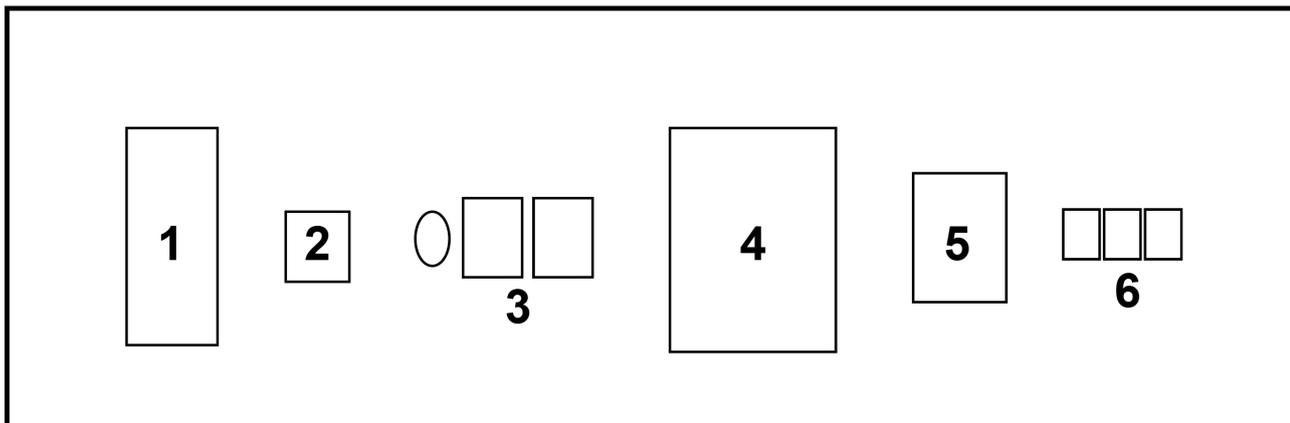
Chateaubriand, compra no contexto da

Biennale di Venezia, 2024, MASP.11550

Sabelo Mlangeni se dedica à fotografia para retratar imagens cotidianas públicas e privadas. O artista registra principalmente a cena queer da África do Sul, focando em aspectos que definem diferentes grupos sociais nesse contexto, como os rituais e expressões culturais que os

caracterizam enquanto comunidade. *Identity* [Identidade] é uma das fotografias da série *Black Men in Dress* [Homens negros de vestido], realizada nas Paradas do Orgulho LGBTQIA+ de Joanesburgo e Soweto. Na imagem, a figura central aparece em uma pose confiante, com vestimentas e acessórios tradicionalmente associados ao universo feminino e masculino, com destaque para sua cueca com a impressão da palavra que dá título ao trabalho. Nesse contexto, a ideia de identidade atravessa tanto questões de raça, gênero e sexualidade, quanto de moda e personalidade, desafiando estereótipos associados a homens negros.

Sala 2, Parede C



RAFAEL MATHEUS MOREIRA

Belém, Brasil, 1996

Vive em Ananindeua, Pará, Brasil

1. *Quebras* – Erika Hilton, 2024

Óleo e acrílica sobre tela

Coleção da artista, Ananindeua, Pará

ROBERT GIARD

Connecticut, Estados Unidos, 1939–2002,
Chicago, Estados Unidos

2. Gloria E. Andalzúa, Oakland, CA, 1988

Impressão em gelatina de prata

Leslie-Lohman Museum of Art, doação

Jonathan Silin, Nova York, Estados Unidos

ANA RAYLANDER MÁRTIS DOS ANJOS

Cafundó do mundo, 1995

Vive entre Belo Horizonte e São Paulo, Brasil

3. *O Batismo do Beco (Cintura Fina)*, 2022

Cinto de couro, que corresponde à circunferência da cintura da artista; um carimbo frontal do seu tronco (tórax, abdômen e pélvis) com guache sobre papel de arroz; registro de títulos e documentos contendo a ação de batismo do beco; e placa esmaltada com os dizeres “Beco Cintura Fina”

Coleção da artista, São Paulo

Nascida em maio de 1933, em Fortaleza (CE), num parto em que a mãe acabou morrendo, Cintura Fina foi entregue pelo pai ainda bebê para ser criada por três tias. Aos 14 anos foi estudar no seminário, onde começou a entender

sua identidade. Migrando ainda jovem para Belo Horizonte, tornou-se uma figura icônica da boemia local entre as décadas de 1950 e 1980. Travesti em uma época de forte repressão, enfrentava a marginalização com coragem, circulando pelas ruas com sua marcante elegância e postura desafiadora. Seu legado é revisitado neste trabalho, que reflete sobre os espaços urbanos e a memória LGBTQIA+ no Brasil.

MARCELA CANTUÁRIA

Rio de Janeiro, Brasil, 1991

Vive no Rio de Janeiro

4. Voltarei e serei milhões, 2018

Óleo e acrílica sobre tela

Museu da Maré, coleção Marielle Franco,

Rio de Janeiro

ADLER MURADA

Teresina, Piauí, Brasil 1986

Vive em Bruxelas, Bélgica

5. *Devir Tibira*, 2018

Impressão sobre papel

Coleção do artista, Bruxelas, Bélgica

Tibira é um termo do tupi antigo usado para se referir a homens gays, e que nomeia um indígena Tupinambá executado em 1614 sob acusação de sodomia, sendo considerado o primeiro caso de homicídio por homofobia registrado no Brasil. Em *Devir Tibira*, o artista Adler Murada representa essa figura histórica por meio da união de fragmentos de imagens de povos indígenas do Brasil retiradas do *Almanaque da juventude de ouro* (1959), publicação que faz um recorte etnográfico e estereotipado dessas populações.

As partes dão origem a um rosto fragmentado, com elementos que possibilitam apenas uma identificação genérica, como o brinco de penas e o colar. “Tornar-se Tibira”, como o título indica, sugere não apenas a reconstituição da memória desse mártir na contemporaneidade, mas também se refere à contínua transformação e expansão da comunidade queer, cuja existência atravessa culturas e temporalidades.

RIA BRODELL

Nova York, Estados Unidos, 1977

Vive em Boston, Estados Unidos

Da esquerda para a direita

6. *Sakuma Hideka & Chiyoka 1934 Japão,*
2012

6. *Sitting in the Water Grizzly,* *circa* década
de 1780-1837 Nação Ktunaxa, 2011

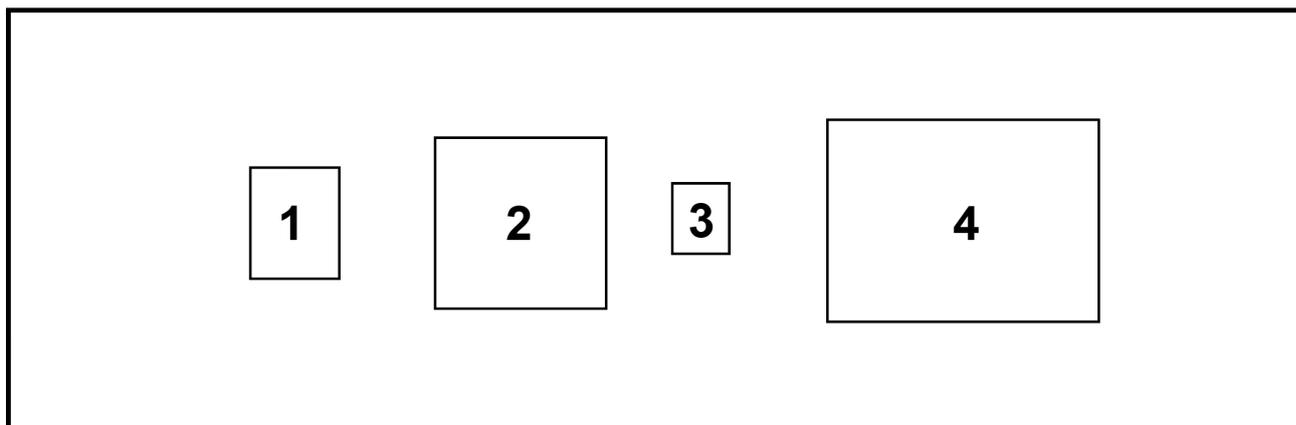
6. *D. Catalina “Antonio” de Erauso 1592-*
1650 Nova Espanha, 2011

da série ***Butch Heroes [Heróis Sapatões]***

Guache sobre papel

Leslie-Lohman Museum of Art, Nova York,
Estados Unidos

Sala 2, Parede D



YUKI KIHARA

Apia, Sāmoa, 1975

Vive em Apia

1. *Two Fa'afafine (After Gauguin)* [Duas Fa'afafine (a partir de Gauguin)], da série *Paradise Camp* [Acampamento Paraíso], 2020

C-print montada por trás de placa de acrílico
Cortesia Yuki Kihara e Milford Galleries,
Aotearoa, Nova Zelândia

RODOLPHO PARIGI

São Paulo, Brasil, 1977

Vive em São Paulo

2. *Latex Abaporu Volumen*, 2024

Óleo sobre linho

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação do artista no contexto
da exposição *Histórias da diversidade*

LGBTQIA+, 2024, MASP.11547

NANCY GROSSMAN

Nova York, Estados Unidos, 1940

Vive em Nova York

3. *Snarl* [Rosnado], 1988

Couro envernizado, madeira, tinta, epóxi e zíperes

Coleção halley k harrisburg e Michael

Rosenfeld, Nova York, Estados Unidos

ADIR SODRÉ

Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil, 1962–2020,

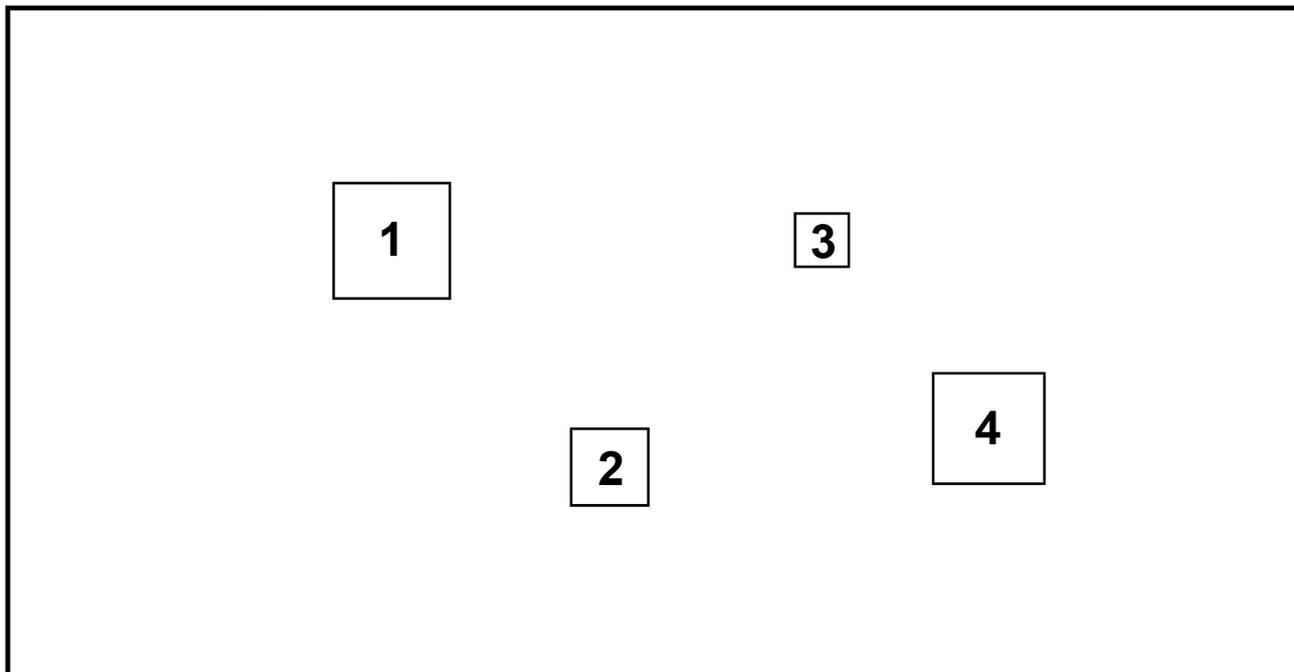
Cuiabá, Brasil

4. *Roberta Close*, 1985

Acrílica sobre tela

Coleção Nathan J. Churchill, São Paulo

Sala 2, Espaço E



PUPPIES PUPPIES (JADE GUANARO KURIKI-OLIVO)

Dallas, Estados Unidos, 1989

Vive em Nova York, Estados Unidos

1. A sculpture for Trans Women. A sculpture for the Non-Binary Femmes. A sculpture for Trans Women. A sculpture for the Non-Binary Femmes. A sculpture for Two-Spirit People. I am a woman. I don't care what you think. (Transphobia is

everywhere and everyone is susceptible to enacting it at any moment) (Unlearn the transphobia brewing within) I am a Trans Women. I am a Two-Spirit Person. I am a Woman. This is for my sisters and siblings everywhere. History erased many of us but we are still here. I will fight for our rights until the day I die. Exile me and I'll keep fighting [Uma escultura para mulheres trans. Uma escultura para femmes não-binárias. Uma escultura para pessoas dois-espíritos. Eu sou uma mulher. Eu não ligo para o que você pensa. (A transfobia está por toda parte e todo mundo está sujeito a reproduzi-la a qualquer momento) (Desaprenda a transfobia que se forma por dentro) Eu sou uma mulher trans. Eu sou uma pessoa dois-espíritos. por dentro) Eu sou uma mulher trans. Eu sou uma pessoa dois-espíritos. Eu sou uma mulher.

Isso vai para minhas manas e irmãs em toda parte. Eu sou uma mulher. Isso vai para minhas manas e irmãs em toda parte. A história apagou muitas de nós, mas ainda estamos aqui. Eu lutarei por nossos direitos até o dia da minha morte. Me exile e eu continuarei lutando], 2022

Bronze fundido sobre base de latão gravada
Cortesia de artista e Balice Hertling,
Paris, França

Puppies Puppies (Jade Guanaro Kuriki-Olivo) trabalha com performances, instalações e esculturas, partindo do corpo humano para elaborar questões culturais, sociais e conceituais relacionadas às expressões de gênero e sexualidade. Nos seus trabalhos, ela aborda problemáticas que a atravessam enquanto mulher trans e artista, entendendo que suas experiências

personais são indissociáveis dos sistemas sociais de opressão. Essa operação fica evidente no título do trabalho, que funciona simultaneamente como relato pessoal e justificativa de realização da obra. A escultura foi realizada a partir do escaneamento 3D de seu corpo, reproduzido em bronze e em tamanho real sobre uma base onde está inscrita a palavra “WOMAN” [Mulher] está inscrita. Ao utilizar uma matéria tradicional de representação de figuras de importância social, política e cultural, a artista expõe a transfobia estrutural ao mesmo tempo em que subverte a própria tradição de representação.

COLETIVO XICA MANICONGO

Rio de Janeiro, Brasil, 2017-2020

2. *Xica Manicongo*, 2017

Cordel

Coleção das artistas, Rio de Janeiro

RAFA BQUEER

Belém, Brasil, 1992

Vive em Rio de Janeiro, Brasil

3. *Transcestrais: Xica Manicongo*, 2024

Base de ferro com peruca, armares, búzios

Cortesia Projeto Vênus, São Paulo

LEILAH BABIRYE

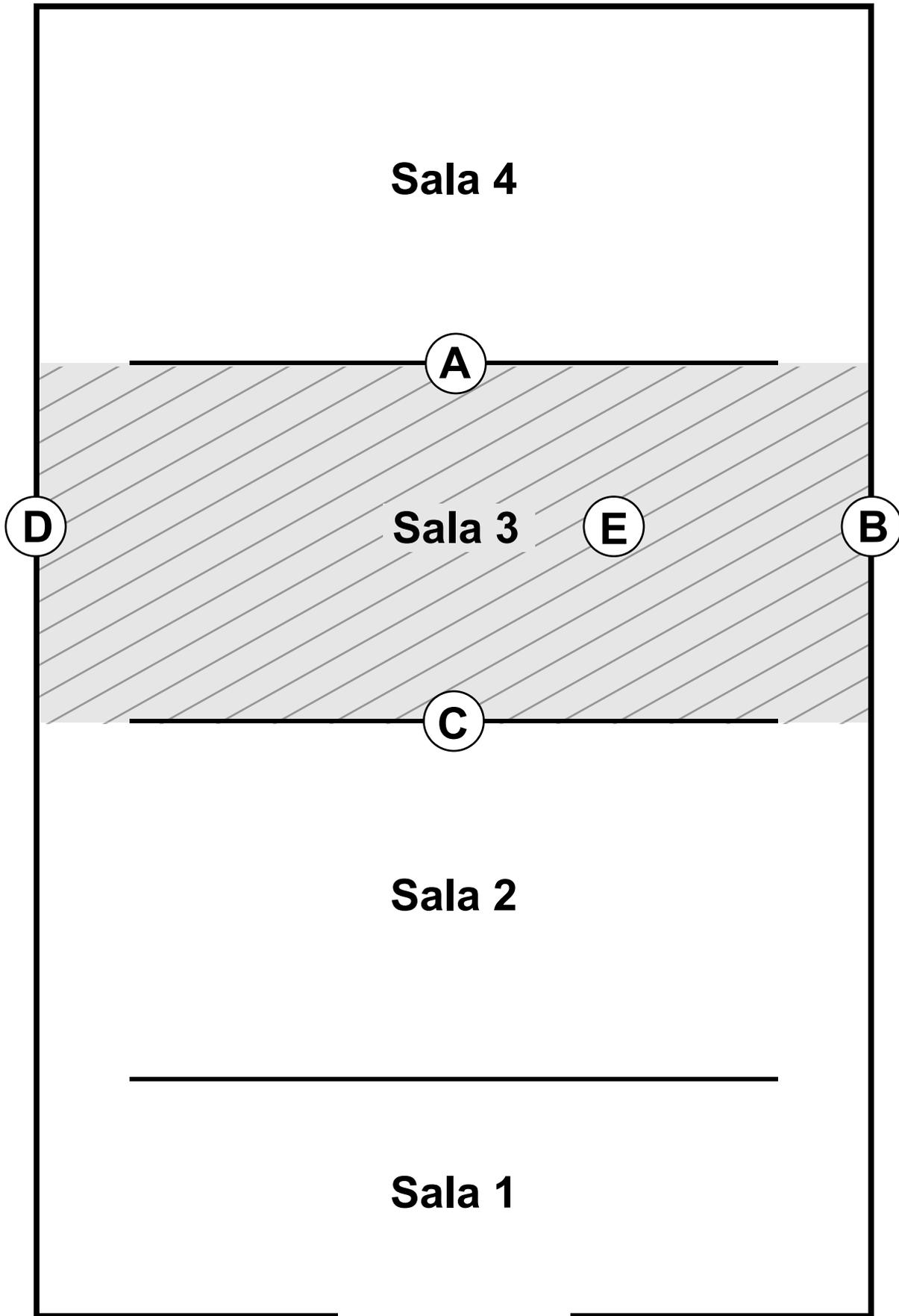
Kampala, Uganda, 1985

Vive em Nova York, Estados Unidos

4. *Nakyeyune do clã Kuchu Nyonyi Nnyange (Egret)*, 2023-24

Cerâmica esmaltada, madeira, cera, alumínio, arame, pregos, câmaras de ar de pneus de bicicleta de bicicleta e objetos encontrados
Cortesia da artista; Stephen Friedman Gallery, Londres, Inglaterra, and Nova York, Estados Unidos; Gordon Robichaux, Nova York e Galerie Max Hetzler, Berlim, Alemanha, Paris, França, e Londres, Inglaterra

Sala 3

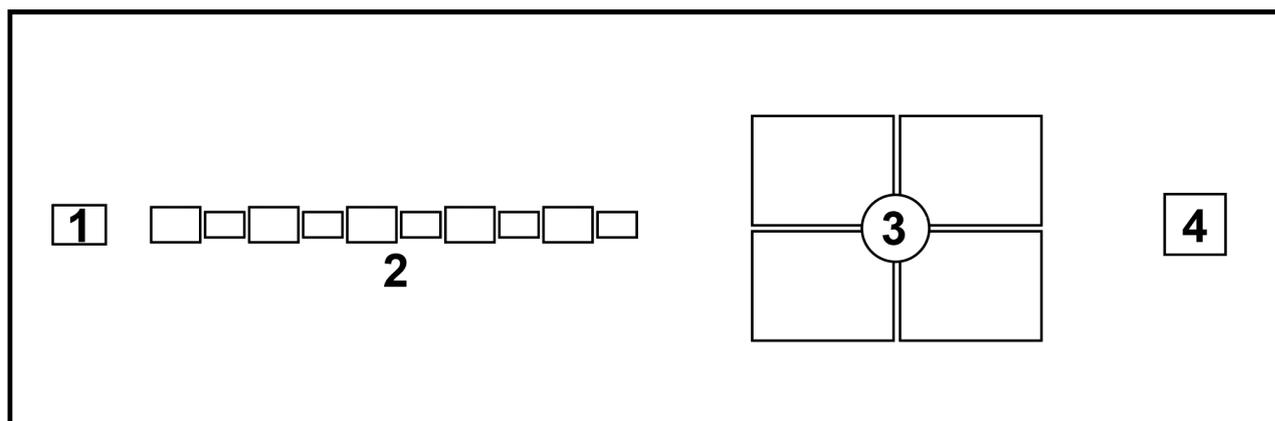


ESPAÇOS E TERRITÓRIOS

Espaços e locais nos quais nos reunimos – seja para festejar ou para protestar – são parte importante de culturas LGBTQIA+. Esses encontros acontecem em parques, boates, clubes de sexo e nas ruas, mas também na casa das pessoas, em salões ou ateliês. O simples ato de congregação queer foi proibido e criminalizado historicamente, e continua a sê-lo em alguns lugares. Para algumas mulheres trans, que são especialmente vulneráveis à violência, estabelecer locais de trabalho seguros é de extrema importância. Para muitas lésbicas, devido à dupla marginalização por serem mulheres e homossexuais, configurações domésticas como quartos e cozinhas acabaram sendo refúgios para socializar, cultivar intimidade e tramar rebeliões. Para homens gays, particularmente, saunas e banheiros públicos

eram e continuam sendo territórios de pegação – e aparecem representados no trabalho de Miguel Ángel Rojas, Lia D Castro, Leonilson, Dean Sameshima –, lugares que se tornaram especialmente tensos no auge da era do HIV/AIDS. Atualmente, em algumas partes do mundo, a vida LGBTQIA+ pode ser altamente controlada e se encontra sob escrutínio cada vez maior. Considerando esse status de fora da lei, lugares *underground* voltados para a reunião de comunidades, como clubes e pistas de dança, assumem uma importância adicional.t

Sala 3, Parede A



KŌHEI YOSHIYUKI

Hiroshima, Japão, 1946–2022

1. *Sem título*, 1979

Impressão em gelatina de prata

Coleção Graham Steele e Ulysses de Santi,
Nova York, Estados Unidos

GLENN LIGON

Nova York, 1960

Vive em Nova York

2. *Black Jeans* [Jeans preto], *A Boy* [Um rapaz], *A Guy in Uniform* [Um cara de uniforme], *Samuel Beckett, Young Guy* [Jovem rapaz] – da série *Lest We Forget* [Para que não nos esqueçamos], 1998

Fotografias montadas e placas de bronze

Cortesia do artista, Hauser & Wirth, Nova York, Regen Projects, Los Angeles, Estados Unidos, Thomas Dane Gallery, Londres, Inglaterra, e Galerie Chantal Crousel, Paris, França

ABAIXO A TRADUÇÃO DO QUE ESTÁ ESCRITO NAS OBRAS EM INGLÊS:

Jeans preto

Vagando por aí com D., tentando pensar ao ser distraído por um cara Vagando por aí com D., tentando pensar ao ser distraído por um cara magro de jeans preto e uma camiseta preta, fumando um cigarro na esquina, como se ele não pudesse entender qual seria seu próximo movimento.

Um rapaz

Vi um rapaz através da janela do delivery. Ficou olhando em minha direção. Não poderia dizer se ele estava olhando para mim ou para o seu próprio reflexo no espelho. Me virei e ele tinha ido. O rapaz que trabalha no caixa reflexo no espelho. Me virei e ele tinha ido. O rapaz que trabalha no caixa e limpa as mesas

apontou para a minha e disse: “Você viu que bagunça você fez com você mesmo?”

Um cara de uniforme

Um cara de uniforme (e eu no meu) sentados aqui, esperando os pedidos. Ele deve ter 22 anos, barbeado e pronto para sair e eu estou pronto. Ele deve ter 22 anos, barbeado e pronto para sair e eu estou pronto para ir também (“Não é apenas um trabalho, é uma aventura”), mas ele para ir também (“Não é apenas um trabalho, é uma aventura”), mas ele não me dá nenhum sinal, então eu me levanto e vou para a farmácia como não me dá nenhum sinal, então eu me levanto e vou para a farmácia como eu pretendia fazer.

Samuel Beckett

Como algum Samuel Beckett grosseiro (de uma certa distância), Como algum Samuel

Beckett grosseiro (de uma certa distância), desmaiou sobre um banco em plena luz do dia. Me lembro do que um desmaiou sobre um banco em plena luz do dia. Me lembro do que um policial disse para um viciado em drogas que ele viu muitas vezes: policial disse para um viciado em drogas que ele viu muitas vezes: “Você ainda tem alguma beleza restante em você.”

Jovem rapaz

Jovem rapaz do outro lado da rua, esperando pelo ônibus. Jovem rapaz do outro lado da rua, esperando pelo ônibus. Está chovendo, então ele levanta sua camisa para limpar seu rosto. Está chovendo, então ele levanta sua camisa para limpar seu rosto. Cueca boxer azul turquesa.

Glenn Ligon investiga as relações entre textos e suas visualidades. Sua pesquisa inclui discussões sobre literatura, nacionalidade, apagamentos históricos e uma revisão crítica das formas estereotipadas pelas quais negros e gays são representados na cultura em geral. Na série *Lest we forget*, fragmentos de textos que sugerem tensões homoeróticas em espaços públicos são gravados em placas de bronze. O trabalho foi criado durante uma residência artística em San Antonio, uma cidade turística no Texas onde o artista inicialmente instalou essas placas, o que está registrado nas fotografias. Essas temporárias placas de bronze emulam sinalizações de acontecimentos históricos e datas oficiais no espaço público, contrastando o caráter íntimo da narrativa com o aspecto oficial e permanente desse material, das fontes e formatos escolhidos. Assim, há um comentário implícito sobre as áreas de sexo em lugares públicos que eram frequentes naquela região.

JONATHAS DE ANDRADE

Maceió, Brasil, 1982

Vive em Recife, Brasil

3. *O clube - homenagem a Arenas*, 2010

Cromos digitalizados impressos em papel
photo rag

Coleção do artista, Recife

PETER HUJAR

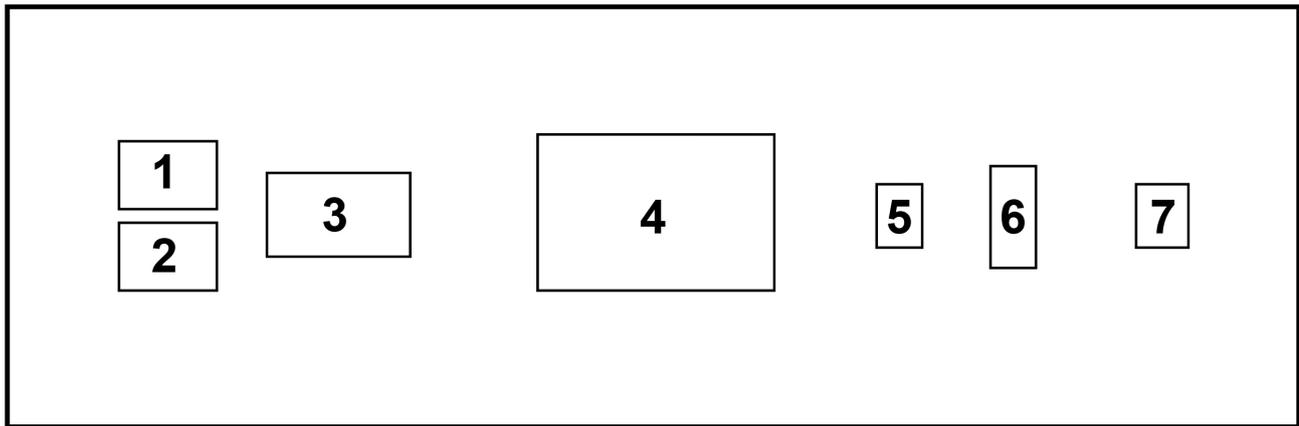
Nova Jersey, Estados Unidos, 1934–1987, Nova
York, Estados Unidos

4. *Christopher Street Pier #5* [Pier da Rua Christopher nº 5], 1976

Impressão em gelatina de prata

Leslie-Lohman Museum of Art, doação Peter
Hujar Archive, LLC, Nova York, Estados Unidos

Sala 3, Parede B



DEAN SAMESHIMA

Torrance, Estados Unidos, 1971

Vive em Berlim, Alemanha

1. *Untitled (12 stalls, 1 leather bunk bed, outdoor garden, 1 water fountain, 1 barber's chair, glory-hole platform, Chinese décor, 1995)* [Sem título (12 baias, 1 beliche de couro, jardim externo, 1 fonte de água, 1 cadeira de barbeiro, plataforma de glory-hole, decoração chinesa, 1995)], 1995

Acrílica sobre tela

2. *Untitled (Closed, 1995)* [Sem título (Fechado, 1995)], da série ***Wonderland*** [país das maravilhas], 1995

C-print sobre papel

3. *The Zone #1* [A zona nº 1], 2017

C-print sobre papel

Cortesia do artista, Kristina Kite Gallery, Los Angeles, Estados Unidos, e Soft Opening, Londres, Inglaterra

MIGUEL ÁNGEL ROJAS

Bogotá, Colômbia, 1946

Vive em Bogotá

4. *The Freddy* [O Freddy], da série ***Mogador***, 1979/2014

Imagem digital impressa de negativo 35mm

Cortesia do artista e Sicardi | Ayers | Bacino, Houston, Texas, Estados Unidos

LEONILSON

Fortaleza, Brasil, 1957–1993, São Paulo

5. *O cometa*, da série *Os dedicados*, 1991

Tinta de caneta permanente e aquarela
sobre papel

Coleção particular, São Paulo

O cometa é um dos treze trabalhos da série *Os dedicados*, na qual Leonilson representou suas paixões e amores platônicos. O artista criou diferentes codinomes que sugerem quem seriam essas pessoas, sem identificá-las diretamente. No desenho, as palavras “Olhos verdes” e “O cometa” dão pistas de um caso que teria acontecido com um desconhecido em um banheiro de avião, indicado pela imagem do urinol. Esse episódio também é tematizado no bordado *Mr. One Night Stand* [Sr. caso de uma

noite], produzido pelo artista no mesmo ano, cujo título também é informativo da relação em questão. Para além do acontecimento particular, a prática do sexo anônimo em banheiros públicos, conhecida como “banheirão”, é comum entre homens gays em diferentes localidades. Nesse contexto, a imagem do mictório torna-se um símbolo que também representa a expressão de sexualidade vinculada ao local.

LIA D CASTRO

Martinópolis, São Paulo, Brasil, 1978

Vive em São Paulo

6. *O michê*, da série *Hipocrisia e carne*, 2024

Óleo sobre tela

Galeria Martins&Montero, São Paulo, Brasil, e
Bruxelas, Bélgica

AMOS BADERTSCHER

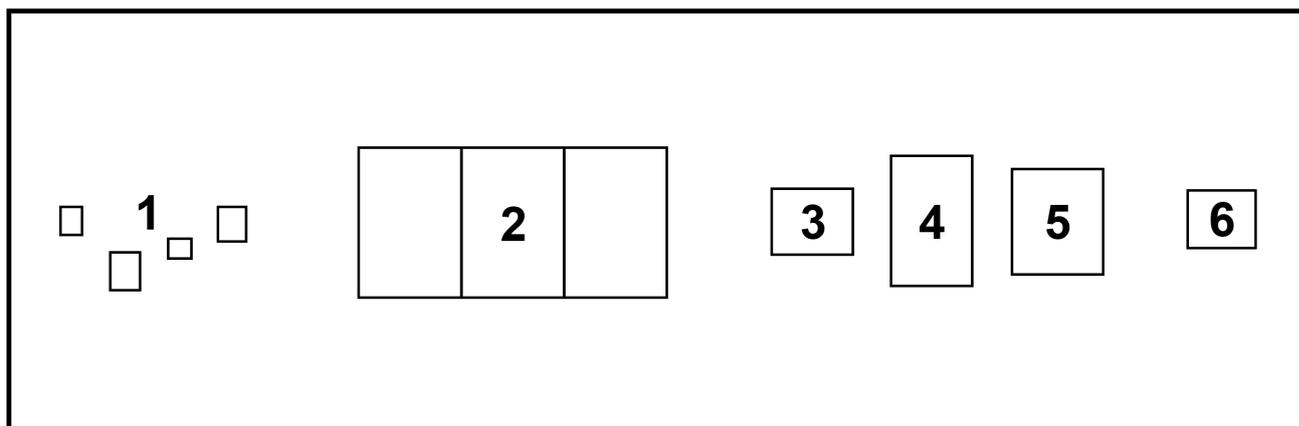
Baltimore, Estados Unidos, 1936–2023

7. *Two Girlfriends at Rumors* [Duas namoradas no Rumors], 1994

Impressão em gelatina de prata

Leslie-Lohman Museum of Art, doação de artista, Nova York, Estados Unidos

Sala 3, Parede C



ADRIEL VISOTO

Brazópolis, Minas Gerais, Brasil, 1987

Vive em São Paulo

1. *Vagalumes I*, 2024

1. *Dark room*, 2024

1. *Vagalumes II*, 2024

1. *Eva*, 2024

Óleo sobre linho

Coleção do artista, São Paulo

TAMMY RAE CARLAND

Portland, Estados Unidos, 1965

Vive em Oakland, Estados Unidos

2. *Untitled #4* [Sem título nº4]

2. *Untitled #11* [Sem título nº11]

2. *Untitled #1* [Sem título nº1]

da série ***Lesbian Beds* [Camas lésbicas]**, 2022

C-print sobre papel

Cortesia da artista e Jessica Silverman, São Francisco, Califórnia, Estados Unidos

ELLEN BEDOZ

Nova York, Estados Unidos, 1941

3. *Radicalesbian Group Meeting; Lower East Side, NYC, November 1970* [Reunião do grupo Radicalesbian, Lower East Side, Nova York, novembro de 1970], 1970/2016

Impressão digital

Leslie-Lohman Museum of Art, Nova York,
Estados Unidos

GRAN FURY

Nova York, Estados Unidos, 1988-1995

4. *Art is not Enough* [Arte não é o bastante], 1988

Impressão offset sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação no contexto da exposição *Gran Fury: Arte não é o bastante*, 2024.

ANDREA GEYER

Freiburg, Alemanha, 1971

Vive em Nova York, Estados Unidos

5. *Resonant (Dykemarch 2017)*

**[Ressonante (Marcha da visibilidade
lésbica 2017)], 2022**

Cera, óleo e acrílica sobre papel

Leslie-Lohman Museum of Art, doação em

memória de Grace McCann Morley, Nova

York, Estados Unidos Cortesia da artista e

Hales, Londres, Inglaterra, e [and] Nova York

RINK FOTO

Estados Unidos, c. 1945

6. *White Night Riots* [Revoltas da Noite Branca], 1979

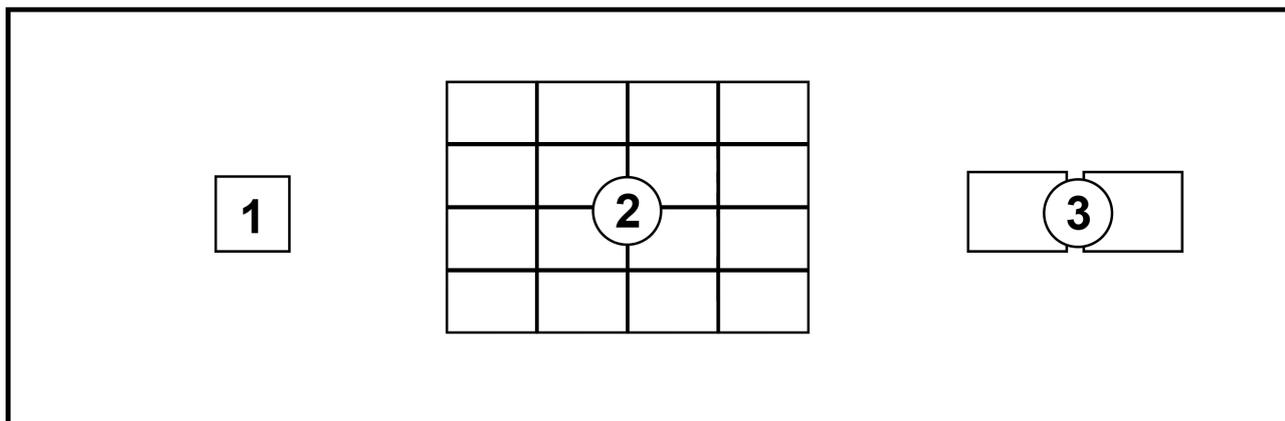
Impressão arquivística a jato de tinta sobre papel

Leslie-Lohman Museum of Art, compra Foundation, Nova York, Estados Unidos

Em 1978, o político californiano Harvey Milk (1930-1978) – um dos primeiros políticos assumidamente gays eleitos nos EUA – foi assassinado juntamente com o prefeito de São Francisco, George Moscone (1929-1978), que era um ativo defensor dos direitos LGBTQIA+. Apesar desse violento duplo homicídio, o assassino Dan White (1946-1985) recebeu a menor pena possível (sete anos de prisão). Esse

caso flagrante de homofobia provocou indignação na grande população gay de São Francisco, e a cidade entrou em erupção quando a sentença de White foi anunciada. Com o grito “dos bares e para as ruas”, milhares de pessoas marcharam até a prefeitura da cidade, incendiando carros em uma manifestação de fúria. Essas multidões foram brutalmente reprimidas pela polícia, e mais de cem pessoas ficaram feridas. As White Night Riots foram a mais importante ação de desobediência civil da comunidade queer nos EUA desde a Rebelião de Stonewall, que ocorreu em 1969.

Sala 3, Parede D



LEILAH BABIRYE

Kampala, Uganda, 1985

Vive em Nova York, Estados Unidos

1. *Am Safe Here* [Estou segura aqui], 2015

Técnica mista

Leslie-Lohman Museum of Art, doação Louis Wiley, Jr., Nova York, Estados Unidos

TERESA MARGOLLES

Culiacán, México, 1963

Vive entre Madrid, Espanha e Cidade do México

2. *Pistas de baile*, 2016

Impressão a jato de tinta pigmentada

Cortesia da artista e James Cohan, Nova York, Estados Unidos

Teresa Margolles é uma artista multidisciplinar que aborda questões relacionadas à violência e à morte decorrentes de problemas sociais e políticos. Desde os anos 1990, ela atua em locais marginalizados no México, como Ciudad Juárez, onde morou e produziu a série *Pistas de baile*. As dezesseis fotografias retratam mulheres trans trabalhadoras do sexo nas ruínas de antigas casas noturnas que costumavam ser seus locais de trabalho. As modelos aparecem bem-vestidas,

posando com confiança e sensualidade sobre pequenas áreas dos pisos originais que não foram destruídos. Os clubes foram demolidos pela prefeitura em um projeto urbano que visava o turismo, com a proposta de construir uma nova imagem para o local. Esse processo deixouas sem trabalho e em situação de vulnerabilidade social; pelo menos três das mulheres retratadas na série foram assassinadas nos últimos anos.

ANGELA JIMENEZ

Vermont, Estados Unidos, 1975

Vive em Mineápolis, Estados Unidos

3. *Stage Raising* [Elevação do palco], do livro *Welcome Home: Building the Michigan Womyn's Music Festival* [Bem-vindo ao lar: Construindo o Festival de Música Michigan Womyn], 2006

Impressão arquivística a jato de tinta
sobre papel

Leslie-Lohman Museum of Art, doação de
artista, Nova York, Estados Unidos

3. *Night Stage Raising Crew, Listening*
[Equipe de Elevação do palco, ouvindo],
do livro ***Welcome Home: Welcome Home:***
Building the Michigan Womyn's Music
Festival [Bem-vindo ao lar: Construindo o
Festival de Música Michigan Womyn], 2006

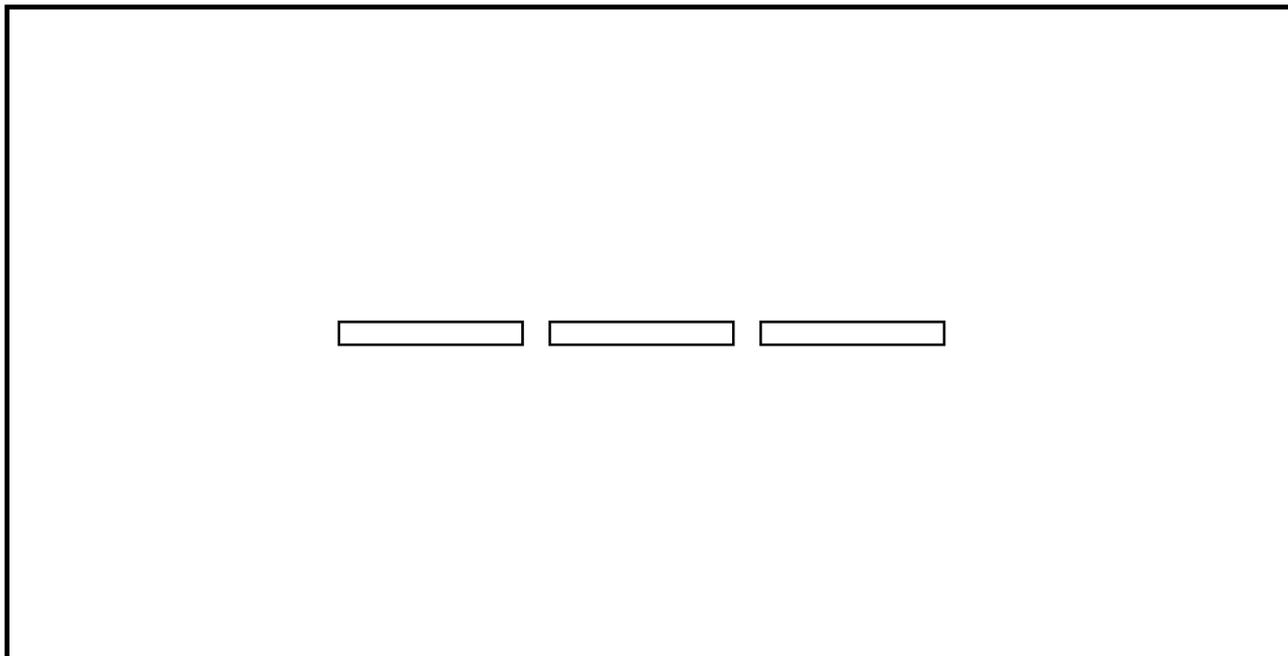
Impressão arquivística a jato de tinta
sobre papel

Leslie-Lohman Museum of Art, doação de
artista, Nova York, Estados Unidos

Estas fotografias retratam uma equipe de construção formada apenas por mulheres trabalhando arduamente e com muito esforço enquanto montam os palcos do Michigan Womyn's Music Festival, um dos mais antigos encontros lésbico-feministas dos EUA, iniciado em 1976. O festival, que durava uma semana, contava com apresentações ao vivo de mulheres musicistas

de vários estilos, incluindo folk, rock e punk. Era totalmente realizado por mulheres, a maioria delas queer, que passavam um mês montando as instalações em uma área rural que incluía espaços para crianças e locais para os shows. Apesar das imagens da fotojornalista Angela Jimenez captarem o sentimento de que se tinha um objetivo comum, o festival se dividiu em torno da exclusão trans – só se permitia a participação de “mulheres nascidas mulheres”. Diante de boicotes de mulheres trans e de diversas organizações de defesa dos direitos LGBTQIA+, o festival encerrou suas atividades em 2015.

Sala 3, Espaço E



ANA RAYLANDER MÁRTIS DOS ANJOS

Cafundó do mundo, 1995

Vive entre Belo Horizonte e São Paulo, Brasil

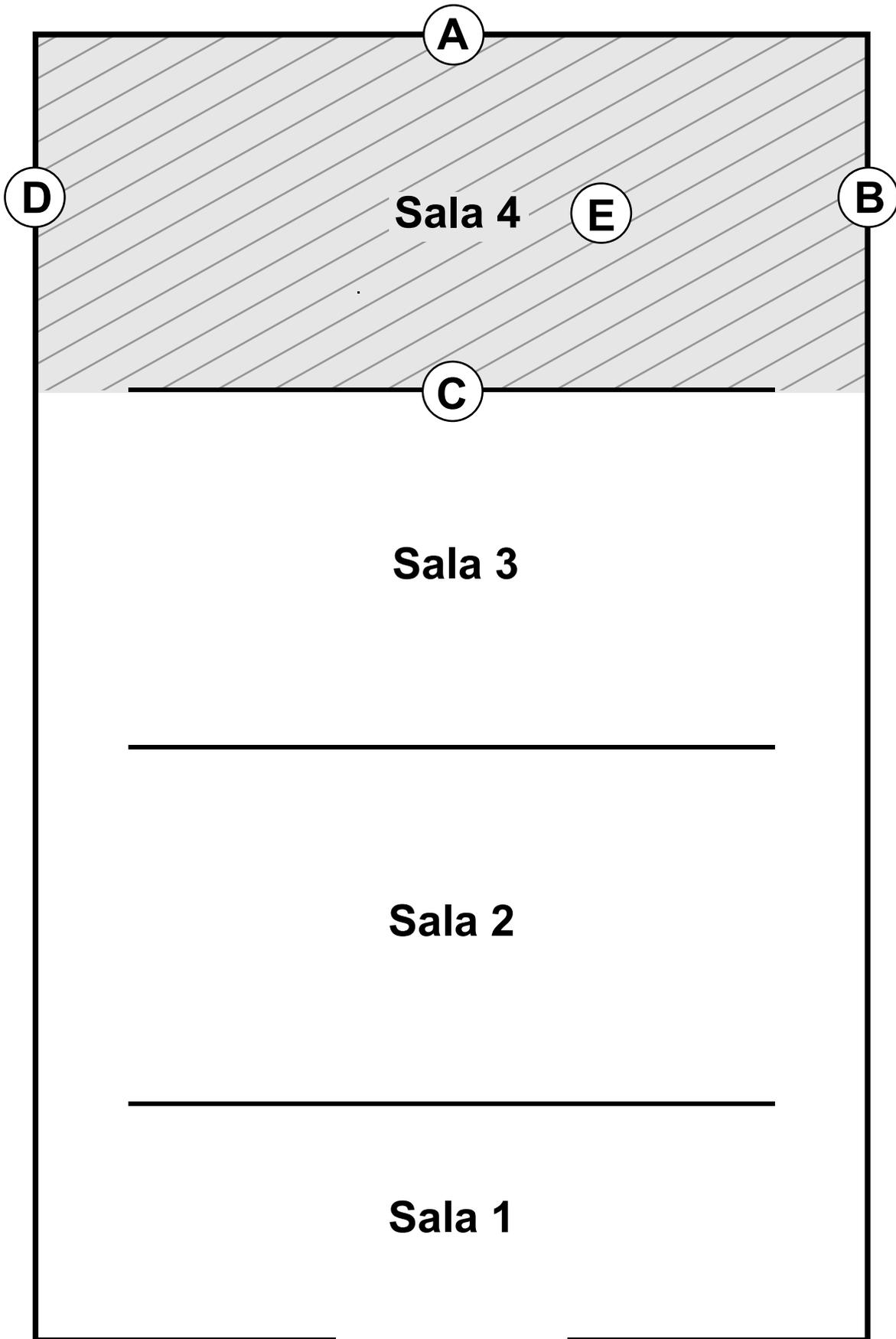
tão perto, tão longe (A, B e C), 2016/2024

Investigação, documentação, negociação, remoção e exibição de portas dos banheiros do Bar e Cachaçaria Cuca Grande (Bar do Fabinho); placas de espelho com inscrição de coordenadas geográficas do local de remoção;

e suporte de metal pintado com tinta automotiva.
Coleção da artista, São Paulo

O projeto parte de um estudo sobre portas de banheiros de bares, inicialmente da cidade de Belo Horizonte e posteriormente de São Paulo. As portas investigadas são como páginas onde se inscrevem reivindicações políticas, urgências, desejos, entre outros arranjos. Há também nesses banheiros uma tensão entre o público e o privado. Essa tensão está gravada na carne das portas com palavras, frases e diálogos tecidos na constância de entradas e saídas, idas e vindas. As portas também funcionam como portais, espaços que se abrem para comunicações, atravessamentos e vibrações.

Sala 4

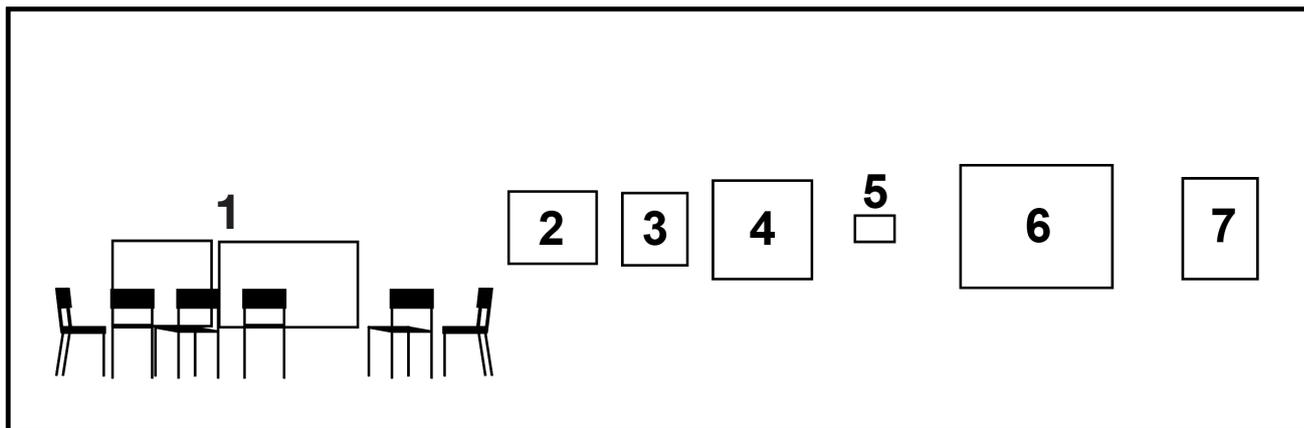


AMOR E DESEJO

Este núcleo reúne obras que apresentam desejo sexual, ternura entre pessoas queer, solidariedades entre grupos e intimidades que atravessam diferentes tempos e espaços. Embora sejamos frequentemente definidas por nossas preferências sexuais, pessoas LGBTQIA+ encontram maneiras profundas e significativas de expressar amor para além dos limites de vínculos eróticos, desenvolvendo meios alternativos de criar comunidades e parcerias que desafiam os papéis tradicionais. Muitas vezes baseadas na própria vida, mas também inspiradas pelo domínio da fantasia, estas obras demonstram afetos compartilhados tanto entre amigos quanto entre casos e famílias. O núcleo também considera como artistas queer e trans respondem à homofobia e à transfobia ao explorar questões ligadas a cuidado, parentesco e sobrevivência –

como nas entrevistas feitas por Sharon Hayes com pessoas LGBTQIA+ de idade avançada acerca do impacto do envelhecimento em tópicos como desejo, romance e amor-próprio. O objeto duplo também é um motivo recorrente no imaginário queer e aparece aqui nos círculos duplos de Felix Gonzales Torres, compondo o símbolo do infinito, na dupla de lâminas de barbear de Marcos Chaves, e na representação de Kang Seung Lee de uma camisa duplicada. Adicionalmente, os retratos fotográficos feitos por Sunil Gupta de casais de lésbicas e gays contestam uma lei do Reino Unido dos anos 1980 que proibia representações de famílias homossexuais, que eram consideradas “de mentira”.

Sala 4, Parede A



SHARON HAYES

Baltimore, Estados Unidos, 1970

Vive em Filadélfia, Estados Unidos

1. *Ricerche: Four* [Pesquisa: quatro], 2024

Vídeo 4K em dois canais, cor, som, 80',
cadeiras variadas, banco e almofadas

Cortesia Tanya Leighton Gallery,
Berlim, Alemanha

CUMAEA HALIM

Boston, Estados Unidos, 1980

Vive em Doha, Catar

2. *Aley*, 2017

Impressão jato de tinta sobre papel

Coleção de artista

HEITOR DOS PRAZERES

Rio de Janeiro, Brasil, 1898–1966

3. *Sem título*, década de 1960

Óleo sobre tela

Coleção particular, Rio de Janeiro

VICTOR FIDELIS

São Paulo, Brasil, 1994

Vive em São Paulo

4. *Petit Comitê*, 2023

Acrílica sobre tela

Coleção particular, São Paulo

KIA LBEIJA

Nova York, Estados Unidos, 1990

Vive em Nova York

5. *Mother's Day* [Dia das Mães], 1997

Impressão jato de tinta sobre papel algodão

Coleção da artista, Nova York, Estados Unidos

Esta terna fotografia retrata um momento de alegria e de conexão entre uma mãe e sua filha enquanto giram em um carrossel em um parque de diversões. Ela faz parte do arquivo pessoal da artista soropositiva Kia LaBeija, que contraiu o vírus de sua mãe, a ativista Kwan Bennett. Bennett faleceu de causas relacionadas à Aids em 2004, e LaBeija mantém viva a memória da mãe por meio de obras que a retratam sorridente e feliz. A artista questiona: “Como ela fez tanto para que eu me sentisse tão amada, tão bem cuidada e tão segura, apesar de estarmos lidando com o que, naquela época, era uma doença terminal?” Com frequência, LaBeija tematiza questões relacionadas a famílias LGBTQIA+ e à maternidade trans; ela mesma foi a Overall Mother da House of LaBeija (Mãe chefe da Casa LaBeija), uma das casas mais antigas e mais conhecidas da cena ballroom de Nova York.

SALMAN TOOR

Laore, Paquistão, 1983

Vive em Nova York, Estados Unidos

6. *The Ceremony* [A cerimônia], 2024

Óleo sobre painel

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação prometida ao MASP
por Graham Steele, C.01289

CATHERINE OPIE

Sandusky, Estados Unidos

Vive em Los Angeles, Estados Unidos

7. *Self-Portrait/Cutting* [Autorretrato/ cortando], 1993

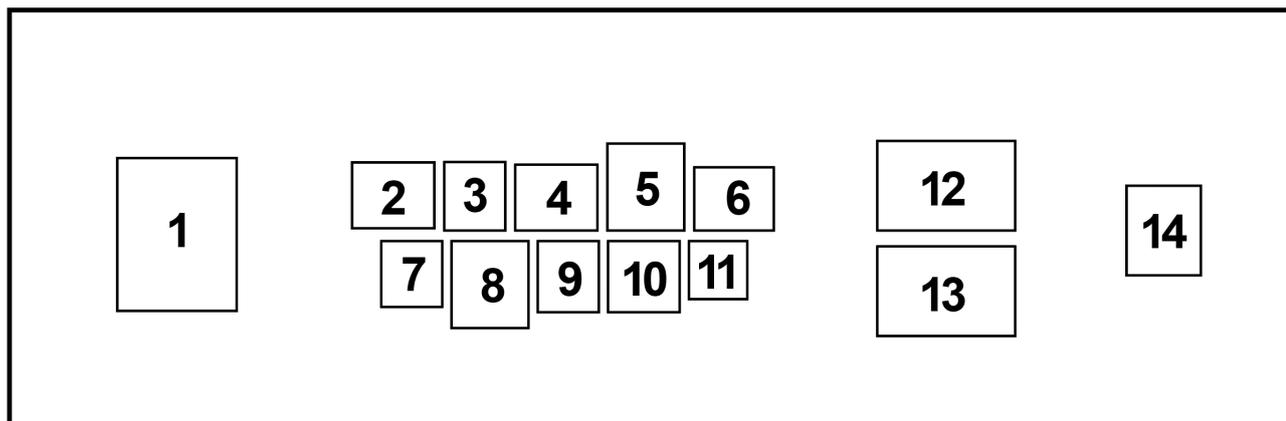
Impressão pigmentada em papel

Cortesia da artista e Regen Projects, Los Angeles, Estados Unidos; Lehmann Maupin, Nova York, Estados Unidos; Hong Kong, Londres, Inglaterra; e Seul, Coreia do Sul; Thomas Dane Gallery, Londres e Nápoles, Itália

Enquanto Opie documentava sua comunidade, ela também fazia registros de si própria, ao mesmo tempo atuando e testemunhando o que acontecia em seu entorno. Nesta obra, a artista representa-se de costas, encarando um tecido esverdeado com estampas de arabescos,

adornos e folhagens tropicais com traços típicos dos retratos reais europeus. Sua pele está sangrando a partir de cortes que formam o que parece ser um desenho infantil. A ilustração mostra duas figuras construídas por meio de traços retilíneos que podem ser lidas como mulheres (anunciadas pelo triângulo tipicamente associado a saias), de mãos dadas, com uma casa e uma paisagem ensolarada ao fundo. O gesto de automutilação decorreu do término de um namoro da artista e, simultaneamente, critica o fato de que os casais lésbicos não têm as mesmas condições dos casais heteronormativos. Elementos como esses, ligados à casa e à vida doméstica, são centrais na obra de Opie, e estão presentes em diversas outras séries da artista.

Sala 4, Parede B



FEFA LINS

Recife, Brasil, 1991

Vive em São Paulo, Brasil

1. *Cuidado comigo (meus mortos levo eu)*, 2024

Óleo sobre tela

Coleção Allann Seabra e Ian Duarte, São Paulo

CINTHIA MARCELLE E DIGG FRANCO

Belo Horizonte, Brasil/São Paulo, 1985

Vivem em São Paulo /Paraty, Rio de Janeiro

2. *Alto Paraíso*

3. *Boca da Barra*

4. *Convento do Carmo*

5. *Alto Paraíso*

6. *Praça Roosevelt*

7. *Praça Roosevelt*

8. *Maboneng*

9. *Moreré*

10. *Praça Roosevelt*

11. *Pata Pata*

da série *Duas cenas ou Elogio ao Amor*,
2014-17

Lápis sobre papel

Cortesia Galeria Luisa Strina, São Paulo

SUNIL GUPTA

Nova Deli, Índia, 1953

Vive em Londres, Inglaterra

12. 1. *Untitled #9* [Sem título n° 9], 1988

**13. 2. *Untitled #11* [Sem título n°11],
1988/2020**

da série “*Pretended*” *Family Relationships*
[Relações familiares “simuladas”]

Impressão arquivística a jato de tinta
sobre papel

Cortesia do artista e Hales, Londres,
Inglaterra, e Nova York, Estados Unidos;
Stephen Bulger Gallery, Toronto, Canadá;
Vadehra Art Gallery, Nova Deli, Índia; e
Matèria, Roma, Itália

ABAIXO A TRADUÇÃO DO QUE ESTÁ ESCRITO NAS OBRAS EM INGLÊS:

12. O que você tem me diz as linhas do seu bonito cabelo preto Parem a cláusula Direitos iguais para todos Luta por direitos lésbicos e gays Marcha em Londres, 30 de abril

13. Conjunto de torres redondas brancas em um céu azul de fim de tarde, visto por uma vidraça perfeita e claramente lavada, às vezes somos tão evidentes quanto isso

SABELO MLANGENI

Mpumalanga, África do Sul, 1980

Vive em Joanesburgo, África do Sul

14. *Faith and Sakhi Moruping Thembisa Township* [Faith e Sakhi Moruping no Bairro Thembisa], da série *Isivumelwano* [Contrato], 2004, ampliação em 2024

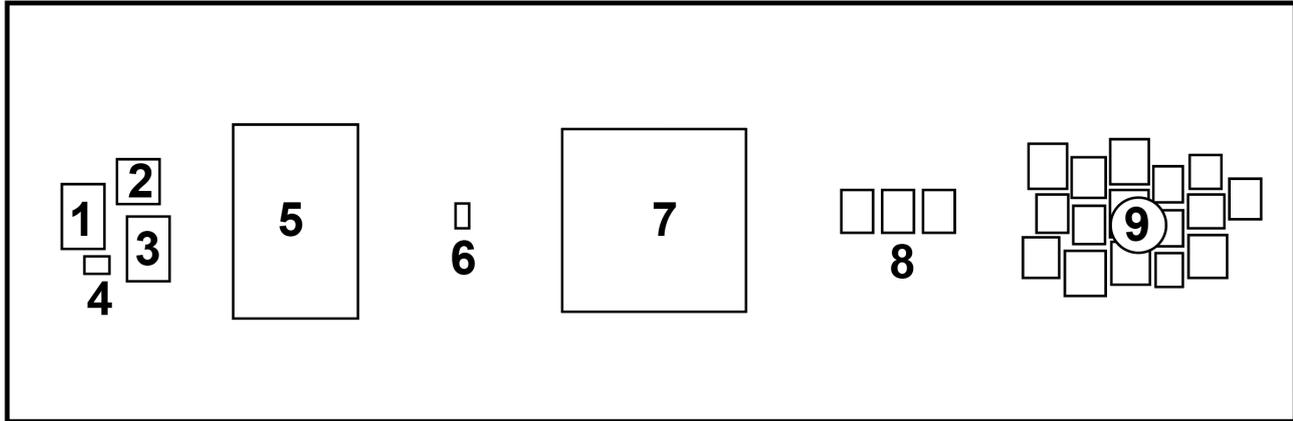
Ampliação sobre papel fotográfico

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, compra no contexto da

Biennale di Venezia, 2024, MASP.11549

Sala 4, Parede C



GRAN FURY

Nova York, Estados Unidos, 1988-1995

1. *Read My Lips (Men's ver.)* [Leia meus lábios (versão homens)], ACT UP, Ação contra aids, primavera de 1988

2. *Read My Lips (Women's, 1 ver.)* [Leia meus lábios (mulheres, versão 2)], ACT UP, Ação contra aids, primavera de 1988

3. *Read My Lips (Women's, 2 ver.)* [Leia meus lábios (mulheres, versão 2)], ACT UP, Ação contra aids, primavera de 1988

Fotocópia sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação no contexto da exposição *Gran Fury: Arte não é o bastante*, 2024

4. *Read My Lips (Women's, 3 ver.)* [Leia meus lábios (mulheres, versão 3)], ACT UP, Ação contra aids, primavera de 1988, 1988/2013

Impressão offset sobre cartão-postal Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, doação no contexto da exposição *Gran Fury: Arte não é o bastante*, 2024.

KANG SEUNG LEE

Seul, Coreia do Sul, 1978. Vive em Los Angeles, Estados Unidos

5. *Untitled* [Sem título]

(Lazaro, José Leonilson, 1993), 2023

Grafite, fio de ouro antigo 24K, sambe, pérolas, agulha de perfuração, folha de ouro 24K, pregos de latão sobre pergaminho de pele de cabra

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação Rose Setubal e

Alfredo Setubal no contexto da Biennale di

Venezia, 2024, MASP.11533

Kang Seung Lee é um artista multidisciplinar cujo trabalho, que abrange desenho, bordado, tapeçaria, cerâmica e vídeos, reimagina eventos históricos e destaca experiências de artistas importantes da história queer de diferentes regiões. *Untitled (Lazaro, José Leonilson, 1993)* faz referência à obra *Lásaro* [sic] (1993), de Leonilson (1957-1993), conhecido por abordar temas como amor, vulnerabilidade e temor da morte. Feita em sambe, um tecido de cânhamo tradicionalmente usado na Coreia para a confecção de vestes funerárias, a peça acrescenta novas camadas de significados e histórias ao arquivo de homenagens às vidas e às memórias perdidas na epidemia da aids. Nota-se também a inscrição – bordada com fios de ouro – da palavra lazaro, realizada com as letras da Língua de Sinais Americana

(ASL). Esse gesto faz referência a Martin Wong (1946-1999) e coloca em perspectiva a tradução, questionando com isso a nossa percepção e a nossa compreensão.

MARCOS CHAVES

Rio de Janeiro, Brasil, 1961. Vive no Rio de Janeiro

6. *Sem título*, da série *Hommage aux mariages* [Homenagem aos casamentos], 1989

Barbeadores de plástico e fios de nylon

Cortesia do artista e Nara Roesler, São Paulo

XIYADIE

Shaanxi, China, 1963. Vive na província de Shandong

7. *Wall [Muro]*, 2016

Recorte de papel com corante à base de água e pigmentos chineses sobre papel Xuan

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação no contexto da exposição *Histórias LGBTQIA+*, 2024,

MASP.11543

Xiyadie é um artista cujo trabalho em recorte de papel elabora aspectos da vivência queer. Sua produção se destaca por explorar essa técnica milenar chinesa sob uma ótica erótica e homossexual, com base em fantasias, desejos e experiências pessoais.

Wall apresenta duas figuras separadas por uma parede. Uma está dentro do que seria o interior de uma casa tradicional chinesa, caracterizada pelos elementos arquitetônicos à esquerda, enquanto a outra se encontra do lado de fora. Apesar de não se verem, elas se conectam por ramos de flores que emergem de suas bocas e de seus genitais, assim como por suas mãos, que se transformam em pássaros. Com delicadeza e eroticidade, o artista cria recortes complexos que narram a repressão de desejos e expressões de sexualidade, sendo o muro o elemento que demarca em termos conceituais essa opressão e esse aprisionamento, dividindo o ambiente doméstico do público

ZANELE MUHOLI

Umlazi, África do Sul, 1972. Vive em Joanesburgo, África do Sul

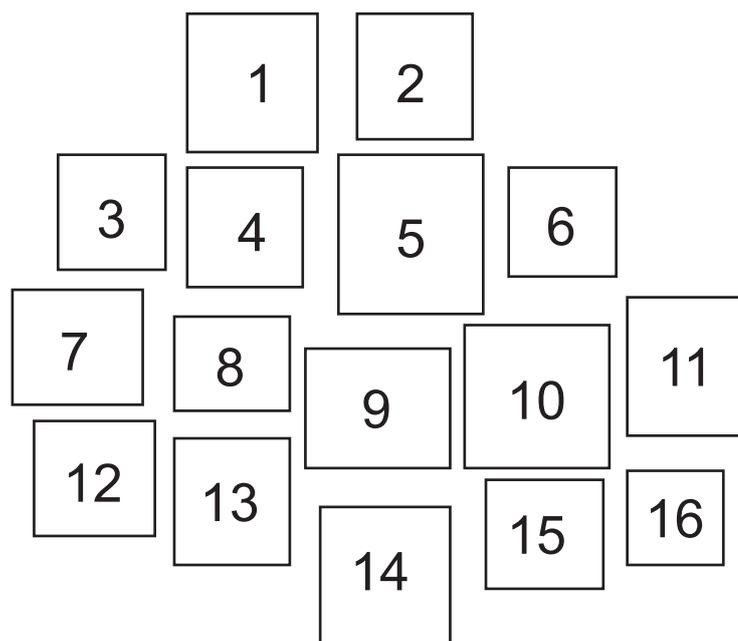
8. *Being [Ser]*, 2007

Impressão em gelatina de prata e impressão colorida em alumínio

Leslie-Lohman Museum of Art, doação da artista, Nova York, Estados Unidos

MAYARA FERRÃO

Salvador, Brasil, 1993. Vive em Salvador



9.1. *O beijo 11*

9.2. *O beijo 15*

9.3. *O beijo 8*

9.4. *O beijo 3*

9.5. *O casamento 6*

9.6. *O beijo 16*

9.7. *O beijo 21*

9.8. *O casamento 12*

9.9. *O casamento 5*

9.10. *O beijo 20*

9.11. *O casamento* 13

9.12. *O casamento* 4

9.13. *O casamento* 8

9.14. *O beijo* 4

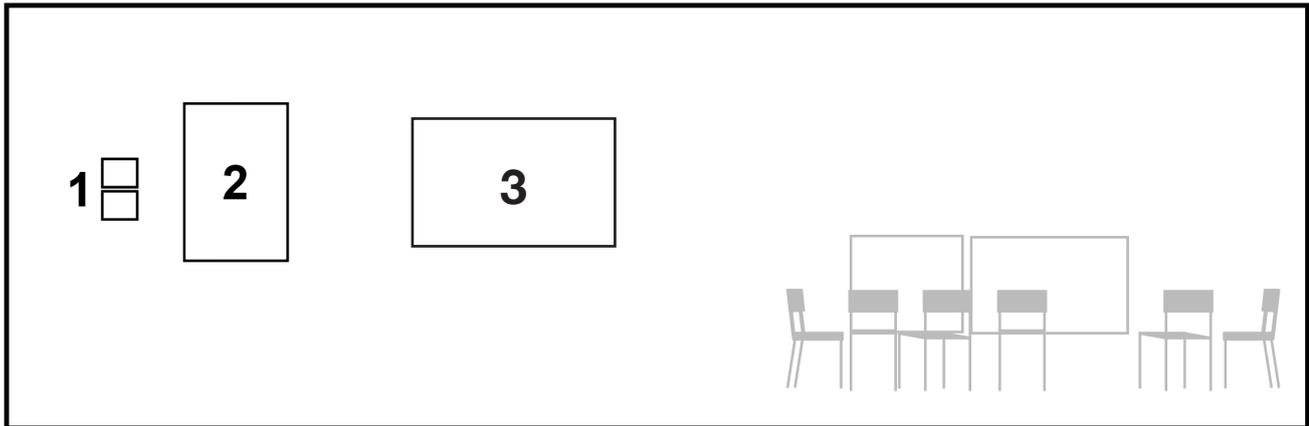
9.15. *O casamento* 14

9.16. *O beijo* 9

Da série *Álbum dos desesquecimentos*,
2024

Imagens geradas por Inteligência Artificial,
impressão jato de tinta sobre papel algodão
Coleção da artista e Galeria Verve, São Paulo

Sala 4, Parede D



TEE A. CORINNE

Flórida, Estados Unidos, 1946–2006, Oregon,
Estados Unidos

1. *Sem título*, sem data

Untitled (#1) [Sem título (n° 1)], 1982

Impressão em gelatina de prata

Leslie-Lohman Museum of Art, doação

Deborah Bright, Nova York, Estados Unidos Tee

Corinne Papers, Coll 263, Special Collections

e University Archives, University of Oregon

Libraries, Eugene, Estados Unidos

ERNESTO DE FIORI

Roma, Itália [Rome, Italy], 1884–1945, São Paulo, Brasil

2. *Duas amigas, circa 1943*

Óleo sobre tela

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação Mário de Fiori, 1947,
MASP.00261

TAMMY RAE CARLAND

Portland, Estados Unidos, 1965. Vive em
Oakland, Estados Unidos

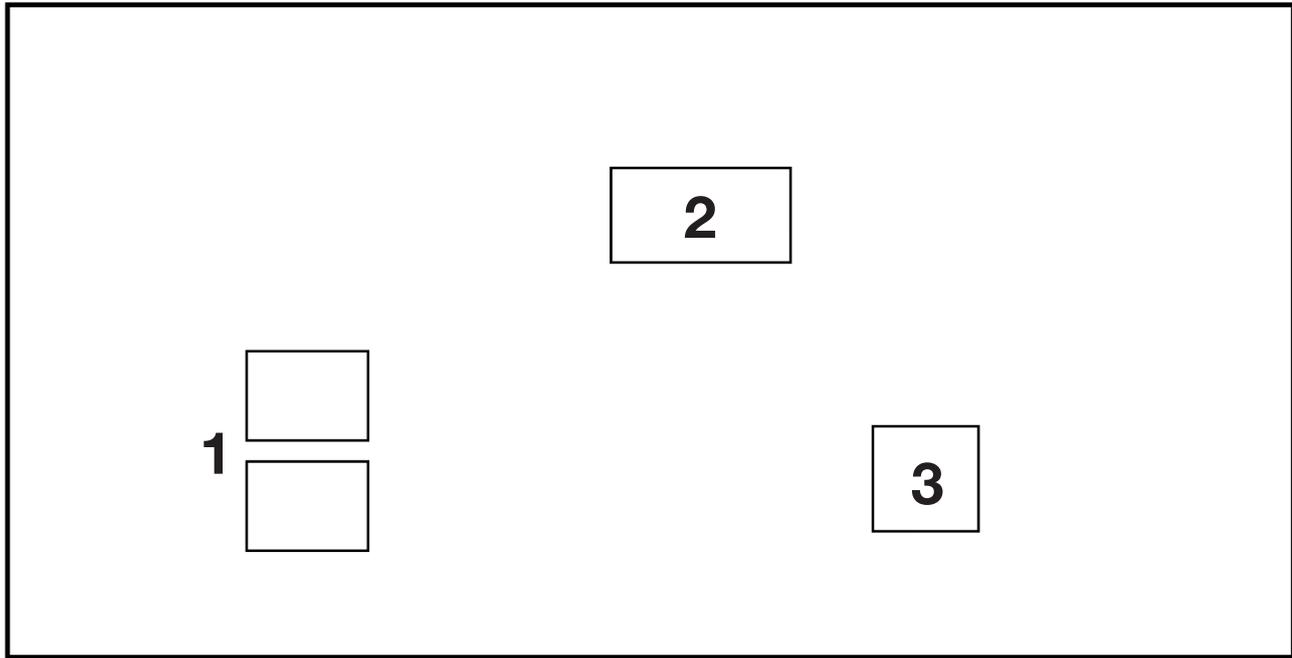
3. *One Love Leads to Another*

[Um amor leva a outro], 2008

C-print sobre papel

Cortesia da artista e Jessica Silverman, São Francisco, Califórnia, Estados Unidos

Sala 4, Espaço E



FIERCE PUSSY

Nova York, Estados Unidos, 1991

1. *Companions?*, 1991-96

Poster

Cortesia das artistas, Nova York

FELIX GONZALEZ-TORRES

Guáimaro, Cuba, 1957–1996, Miami,
Estados Unidos

2. “*Sem título*” (*retrato duplo*), 1991

Pilha de papel impresso

Tate Gallery, compra conjunta pela Tate, com assistência de American Patrons for Tate e Latin American Acquisitions Committee; e Albright-Knox Art Gallery, Buffalo, com fundos de Charles Clifton, James S. Ely, Charles W. Goodyear, Sarah Norton Goodyear, Dr. e Sra. Clayton Piemer, George Bellows e Irene Pirson Macdonald Funds; em troca: doação de Seymour H. Knox, Jr. e da Família Stevenson, Fellows for Life Fund, doação Sra. George A. Forman, doação Sra. Georgia M.G. Forman,

Elisabeth H. Gates Fund, Charles W. Goodyear e Mrs. Georgia M.G. Forman Fund, Edmund Hayes Fund, Sherman S. Jewett Fund, George B. e Jenny R. Mathews Fund, legado de Arthur B. Michael, doação Sra. Seymour H. Knox, doação Baronesa Alphonse de Rothschild, Philip J. Wickser Fund e doação Winfield Foundation, 2010, Londres, Inglaterra

EDGARD DE SOUZA

São Paulo, Brasil, 1962. Vive em São Paulo, Brasil

3. *Sem título*, 1997

Bronze e gesso

Acervo Banco Itaú, São Paulo